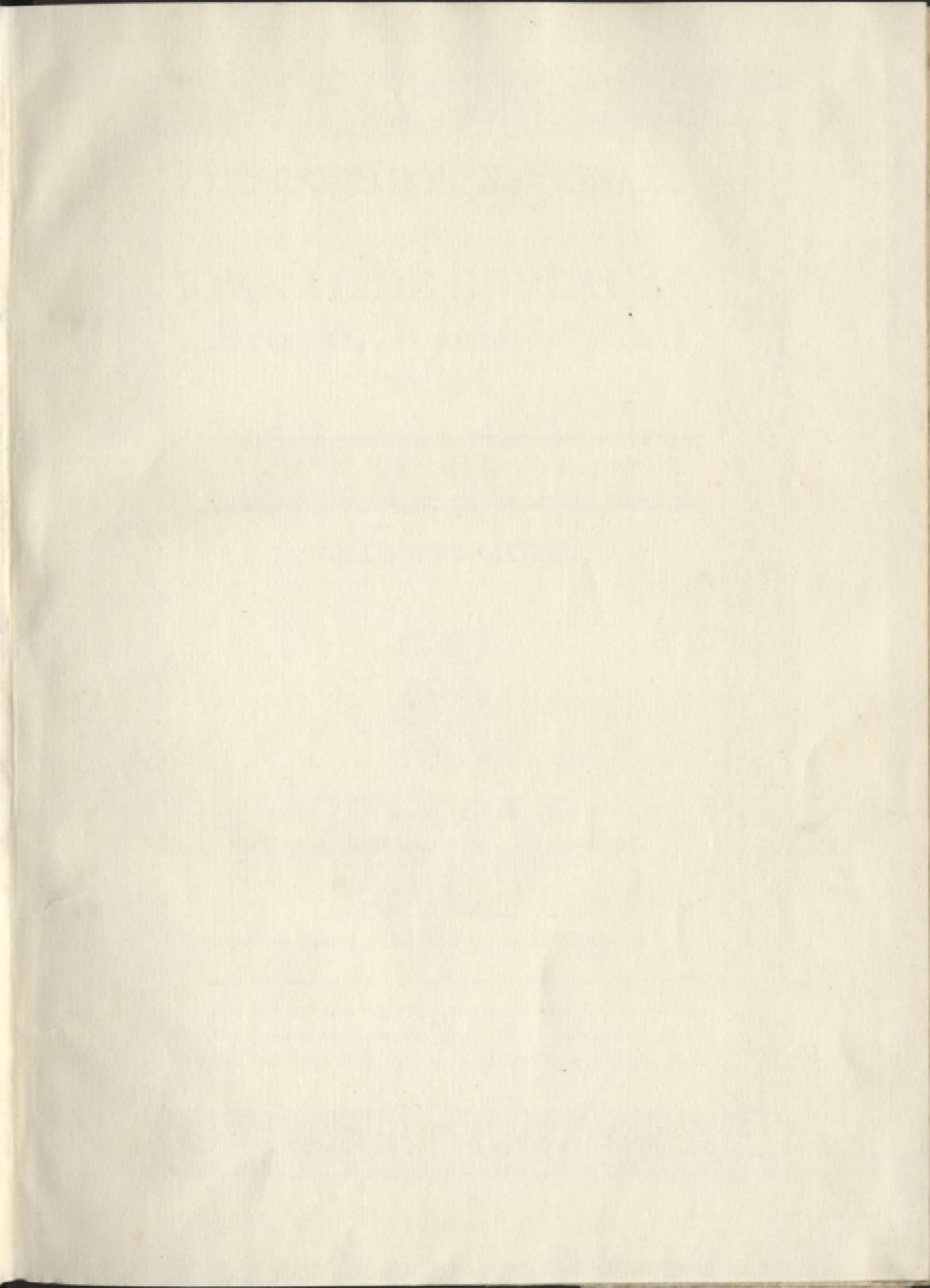
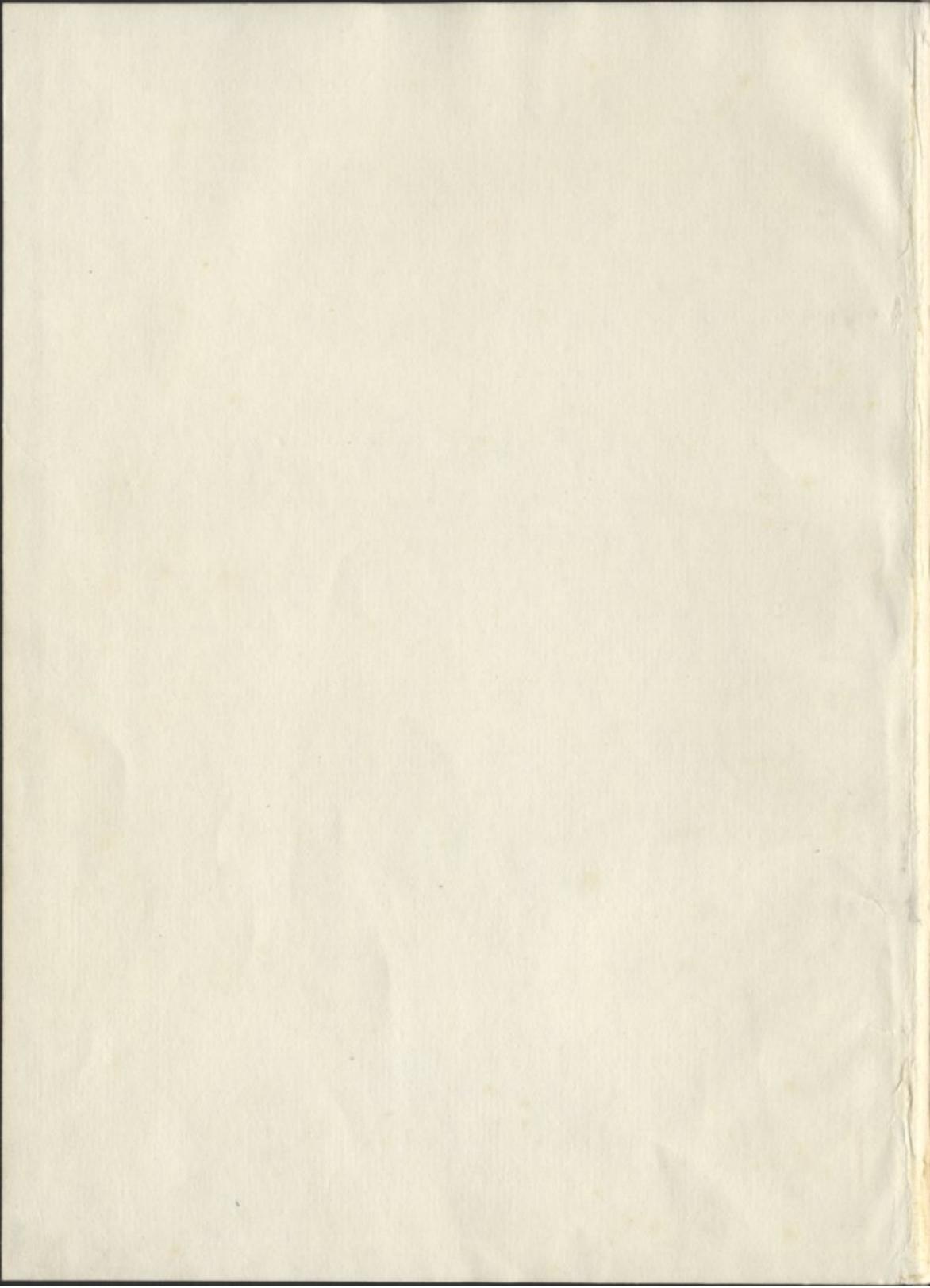


10
5
5

Gabriel
ANTUNES

ENCADERNADOR
Rua Corpo de Deus, 14
Tel. 22261 • COIMBRA





DESPERTADOR NACIONAL,
O U
JORNAL DE EDUCAÇÃO,
AGRICULTURA, COMMERCIO E ARTES,
ETC. ETC.

N.º I. JANEIRO 1821.

VOLUME PRIMEIRO.



COIMBRA,
NA REAL IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.
1821.

Com Licença da Comissão de Censura.

A subscrição para esta Obra pôde fazer-se em Coimbra na Loja da Real Imprensa da Universidade, e no Porto em Casa do Senhor Antonio José Vieira Rodrigues, no Largo das Freiras Bentas, N. 51 e 52.

DESPERTADOR NACIONAL,
O U
JORNAL DE EDUCAÇÃO,

AGRICULTURA, COMMERCIO E ARTES,

ETC. ETC.

N.º I. JANEIRO 1821.

VOLUME PRIMEIRO.



COIMBRA,

NA REAL IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.

1821.

Com Licença da Comissão de Censura.

DESPERTADOR NACIONAL,
OU
JORNAL DE EDUCAÇÃO,

AGRICULTURA, COMMERÇO E ARTES,

ETC. ETC.

N.º 1 JANEIRO 1821.

VOLUME PRIMEIRO



COIMBRA,

NA IMPRENTA DA UNIVERSIDADE

1821.

Com licença do Conselho da Realidade.

DESPERTADOR NACIONAL,
O U
JORNAL DE EDUCAÇÃO, AGRICULTURA,
COMMERCIO E ARTES , ETC. ETC.

N. 1. Vol. I. JANEIRO DE 1821.

*Desperta já do somno do ócio ignavo,
Que o animo, de livre, faz escravo.*

CAM. Lus. C. IX. Est. 92.

INTRODUÇÃO.

Quando uma Nação generosa tem chegado ao ponto de conhecer a necessidade de unir todas as opinioens para o grande fim de estabelecer e consolidar a sua Independencia debaixo do imperio da Razão e da Justiça universal, he então, que se lhe

A



faz indispensavel a cooperação de todos os seus membros ; a fim de que se anime e se desperte a Instrução Pública, e todas as vontades concorão para uma racional União moral e Unidade de systema. Este he o meio mais efficaz de se investigarem e conhecerem miudamente os Direitos e Deveres de todo o Cidadão, base impreterivel, sobre a qual se estabelece o grande systema da Economia Nacional, e funda o seu poder uma Administração, que se propoem equilibrar a Balança da Ordem, que deve sustentar o Bem commum, e ao mesmo tempo firmar a felicidade do Reino.

A Imprensa, como todos sabem, he o maravilhoso orgão, que deu ao Mundo a incomparavel vantagem de fazer soar as ideas de qualquer escriptor aos habitantes das mais afastadas Regiões: e lhe podemos chamar a Maquina, em vão esquadrinhada pelo engenhoso Archimédes; o qual anhelava por descobrir um agente, capaz de dar impulso a todo o Universo: pelo menos ella tem concorrido mui poderosamente para a industria e opulencia de muitas Nações. A facilidade de comunicação forma os bons costumes; promove a Agricultura; propaga as Sciencias e Artes uteis; illustra o Commercio; combate os abusos; e n'um breve pe-

riodo mostra ao homem de todos os Estados um vasto campo de especulações, que o conduzem ao melhor regulamento de seus projectos: sendo innegavel, que no limitado recinto d'uma sala pôde o investigador das Letras consultar as opiniões de todos os escriptores; seja qual for a materia, que possa interessar a direcção de suas operações na sociedade.

Dirigindo nossas vistas para esta grande empreza, e dezejando concorrer para o bem da classe mais numerosa, segundo a medida de nossas forças, nos propomos desenvolver progressivamente neste Periodico aquelles ramos de instrucção, que nos parecem mais analogos, tanto á situação deste Reino, como ao espirito de industria dos seus Habitantes. Assim a Agricultura, o Commercio, as Artes, bem como algumas considerações sobre a Educação fysica e moral dos Meninos terão lugar distincto neste Periodico; no qual incluiremos tambem um resumo das Novidades, que parecerem mais interessantes, quer estas sejam Domesticas, quer Estrangeiras.

E porque pertendemos abrir caminho aos esforços dos Nacionaes estudiosos, estamos promptos a trasladar para o nosso Periodico qualquer Memoria, que nos

haja de ser enviada, quer seja em Prosa, quer em Versos; uma vez que seja relativa ás Sciencias, Artes, ou Politica, e venha em ordem de poder appresentar-se ao Publico: com tanto porém, que sejam dirigidas aos Redactores do Despertador Nacional, francas de porte; pois do contrario não serão publicadas.

Sendo por tanto o nosso objecto expor ao Publico verdades e factos, será tambem nosso principal disvelo, usar da linguagem mais simples e perspicua. Resta-nos a esperança, que reconhecida que seja a utilidade deste Periodico, elle será benignamente acolhido por todas as Classes da Sociedade, a quem o dedicamos: confiando muito no Patriotismo daquella, que he mais opulenta e mais sensivel a esta verdade, que se dignará promover a sua circulação; a fim de que se alentem nossos esforços no ardente desejo, que temos, de concorrer para os progressos e civilisação da nossa Patria.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO.

A Educação he o manancial fecundo de todo o genero de bens; quer nós a consideremos no Individuo, quer na Sociedade. Esta verdade he de tão facil intuição, e acha-se tão demonstrada pela experiencia, que parece desnecessario confirmal-a com argumentos. Todos conhecem, que em qualquer estado, ou condição da vida, só pôde ser feliz aquelle homem, que possuir uma razão illustrada e uma alma affeiçoada, por gosto, á virtude. Aquelle, que amar o que he justo, que elle ame, e que tiver sempre em vista o ser util, he, sem contestação, um homem bem educado.

A experiencia tem mostrado, que o homem he naturalmente imitador; e que pensa e obra em conformidade do que observa naquelles, que o rodão: assim temos nós um bello agente, de que nos aproveitemos, para a direcção de suas ideas e acções. Mas a Educação não produzirá seu effeito desejado, se não começar a exercer a sua vigilancia e cuidados desde a mais tenra infancia do Individuo; assim he claro, que ella deve começar com o homem, a fim de se naturalisar com elle. He por tanto indispensavel, que o Educador saiba o que he o homem nos seus primeiros annos; he necessario que elle estude e procure conhecer os Meninos: só assim poderá sentir o que elles estão em estado de apprender; porque os Meninos ainda

não são homens ; e seria a maior das sem-razões , o querer conduzil-os por aquelles principios e maximas , que regem o homem , já formado e bem instituido .

A mesma experiencia , que he grande mestra , tem feito conhecer : que o Educador , para proceder com segurança e attingir o desejado fim , precisa do conhecimento da constituição fysica do Menino : pelo que lhe cumpre espreitar com muita circumspecção isto , a que se chama compleição e temperamento do Menino ; bem como as inclinações e gostos , que parecem resultar da sua organização propria .

Se fosse necessario , que fizéssemos sentir bem esta verdade , diriamos : que a Educação tem muitas analogias com a Agricultura ; e que assim como um campo não pôde corresponder ás fadigas do Lavrador , se este não conhece bem a natureza do terreno e os meios mais proprios de o cultivar e de colher d'elle uma digna recompensa ; assim o Educador , que não estudar capazmente a constituição fysica do seu Educando , e que não aproveitar com summa vigilancia todos os meios mais opportunos de o conduzir para o fim , que tem na mira , não conseguirá o honroso premio , que podia prometter-se ; qual o de formar e instituir racionavelmente um homem , proveitoso para a sociedade .

Verdade he , que a Natureza parece mostrar-se mais liberal com alguns , dando uma organização mais perfeita , e disposições mais aptas a estes , do que áquelles : mas isto mesmo he ainda o que nós observamos nos diversos terrenos , destinados á Agricultura . E como se comporta então o Lavrador ? Tendo experimentado , que de todas as sementeiras não resulta aquella colheita , que os seus suores podião prometter-lhe abundantemente ; e vindo no conhecimento de que o terreno , por exemplo , he mais proprio para trigo , do que para legumes , inteiramente se volta para a cultura daquelle , e larga da mão estes . Da mesma sorte

deve proceder o Pai, ou quem tiver a seu cargo a Educação dos Meninos: observando o temperamento e inclinações, que elles vão manifestando, procurará fortalecer aquelle temperamento e inclinações, se conhecer que lhes são vantajosas e racionaveis; e pelo contrario não se descuidará de reprimir, ou modificar tudo isto, logo que for presentindo, que as mesmas inclinações lhes virão a ser prejudiciaes e funestas. Cultive por tanto as letras o Menino, que sente desde já vivos desejos de saber, e que mostra actividade e aptidão para ellas; porém seja instruido nas mechanicas aquelle outro, que ama com preferencia, e como por instincto, trabalhos mais analogos á sua rebustez, e que demandão maiores exercicios corporaes.

Todavia estes destinos requerem grande penetração e discernimento da parte do Pai, ou Educador: e assim como estes, geralmente fallando, não devem tolher as inclinações innocentes, que os Meninos commençaõ a indicar desde a mais tenra infancia; assim tambem não devem permittir, que elles abracem uma occupação, para a qual algum dia conhecerão, que não têm nascido aptos. Neste caso os Meninos, persuadindo-se do erro da sua sorte, se julgarão infelices; e por esta causa se entregarão com desdenhosa indifferença a um modo de vida, pelo qual experimentão a mais teimosa repugnancia; se não he, que damno da propria conservação.

Felices pois aquelles, que houverem de ser guiados por Educadores instruidos e experimentados, por homens, que se conduzão nesta honrosa tarefa com a devida nobreza de sentimentos e acções! Ao lado destes nem será desasisada a escolha da occupação, que o Menino deve tomar; nem este se verá obrigado a desaprender prejuizos, dictados por almas, que unicamente tinham em vista a baixa lisonja, ou o sórdido interesse. « Tu entregaste teu Filho a um escravo! e

» pertendes que este o possa educar, como convem!..
 » Fica certo, que dentro de breve tempo, em lugar
 » de um escravo, tu possuirás dous.» Desta arte
 reprehendia um Filosofo da antiguidade a certo Pai
 desasisado, que erradamente imaginou, que o Escra-
 vo, que lhe era mais sobmisso, podia inspirar, ou
 desenvolver na alma de seu filho aquelles sentimentos
 de nobreza, e franca lealdade, que o triste escravo,
 por effeito de sua deploravel condição, não podia
 possuir.

Nós porém temos dito, que o Educador deve ter
 incessantemente diante dos olhos a constituição fysica
 do Menino, se procura desenvolver completamente,
 e com fructo, as ideas moraes do seu Educando.
 Eis-aquí logo o que vai dar ampla materia ás sobse-
 quentes Considerações; que não promettemos fazer,
 que correspondão á vastidão inexhaurivel do Assumpto;
 antes confessamos desde já, que nossas forças ficão
 muito áquem de tudo isto. Todavia não desistiremos
 deste nosso desmedido projecto por causa do ardente
 desejo, que temos, de fazer que sejam populares em
 a nossa Patria verdades e factos, que até o presente
 hão feito unicamente a partilha dos Estudiosos. Nas
 considerações, que forem propriamente nossas, erra-
 remos sem duvida muitas vezes: outros porém virão
 depois, que alcancem a verdade com vistas mais
 perspicazes, e que ensinem, como se devem educar
 os homens por um methodo mais racional. Neste
 caso tanto melhor para o Publico; que voltará seus
 olhos com mais conhecimento de causa para um
 Objecto, entre nós tão desattendido, ou ignorado
 pela Classe mais numerosa: o que he tanto mais la-
 mentavel, quanto o mesmo Assumpto se mostra in-
 dispensavel, e de toda a importancia, para os pro-
 gressos da civilização, digna do Seculo XIX.

(Continuar-se-bá em o Num. seguinte.)

AGRICULTURA.

..... Non ullus aratro
Dignus honor ; squalent abductis arva colonis.

GEORGIC, L. I. v. 506.

A Agricultura não goza entre nós da honra, que
lhe he devida ; e os campos parecem estereis, por
que lhes são roubados os Lavradores!

ESta queixa, que, ha 19 Seculos, formava um Amigo dos trabalhos ruraes, um Amigo dos Lavradores, pinta bem ao vivo o desamparo e a oppressão, em que se tem deixado morrer quasi inteiramente a nossa Agricultura. E se nós reflectimos na fertilidade de nossos campos, collocados debaixo de um Ceo feliz ; se consideramos o quanto he do interesse de todo o Povo, que elle cultive os seus campos, a fim de viver independente, e abastado dos generos da primeira necessidade ; se attendemos a que este foi o primeiro emprego do genero humano, e das Nações mais respeitaveis da Antiguidade ; não podemos deixar de lamentar o terrivel desprezo, com que desde largos annos se tem olhado para esta fonte da Industria, do Commercio, e da riqueza publica.

Lemos na Sagrada Escritura, que Deos collocára Adão no Paraizo, para que o cultivasse ; e que não só Adão, mas tambem Abel, Seth, Noé, Abrahão, Isaac, Jacob e outros muitos Patriarchas forão Agri-

cultores. Lemos na Historia, que a mesma Agricultura era um dos cuidados principaes dos antigos Imperios, que assombrarão o Mundo com o seu esplendor e conquistas: e, o que não he para desattender, que esta Arte primitiva tem tido grande numero de escriptores da mais alta representação: o que talvez será honra singular da Agricultura. Por quanto Plinio nos falla de quatro Reis, que não julgáão ser cousa indigna de sua grandeza, occuparem-se em escrever largamente desta Arte: e já Varrão e Columella fallão de mais de oitenta Escriutores da Antiguidade, que se havião encarregado da mesma tarefa; ensinando preceitos e regras para esta tão honrosa, como antiga occupação. E advirta-se, que os livros, que naquelles tempos se publicavão, erão mui raros; de sorte, que parece, que esta arte fazia tambem o principal estudo dos homens mais abalisados e distinctos. Trogo Pompeo, e Justino, Compilador da sua historia, nos fazem menção de um certo Habides, muito respeitado dos Povos, que habitavão nesta Peninsula, aos quaes o mesmo Habides tinha ensinado a cultivar seus campos. Os Egepcios veneravão o seu Osiris por primeiro Lavrador, a quem attribuião a invenção da enchada e do arado. Outro tanto nos affirma a historia do Reino de Sião, do Imperio da China, etc.: attestando, que estes Soberanos não reputão como cousa de menos preço o deitarem alguma vez mão ao arado com as pessoas mais illustres das suas Côrtes; dando elles mesmos o exemplo da honra, e da alta consideração, que he devida á Agricultura. Tudo isto se allega, para se fazer ver o quanto estes costumes contrastão com o desamparo de nossos campos.

Mas que diremos nós dos Romanos, deste povo, que atemorizou toda a terra com o estrondo de suas armas, e grandeza de suas façanhas? Quantas vezes foi este povo tirar do meio das fadigas e suores da Lavoura

os Magistrados da maior inteireza e rectidão? Quantas vezes lhes derão os campos Consules ousados e valerosos? Quantas os mais intrepididos Dictadores? Do campo veio Camillo, vencedor dos Faliscos, dos Veientes, dos Gallos, dos Volscos e dos Toscanos. Do meio dos trabalhos ruraes foram tirar Curio, que subjogou os Samnites, os Sabinos e Lucanos; o magnanimo e generoso Pyrrho; o Consul Régulo, vencedor da perfidia Carthaginezia; o grande Catão, este Triunfador, que logo que a Patria delle não precisava, corria para os seus campos, onde se confundia com os seus servos, até pelo vestido grosseiro, de que estes usavão, como sufficiente para aquelle trabalho. E era tão geral esta occupação, que affirma Cicero, o Principe dos seus Oradores: « Os nossos Maiores, aquelles varões escladrecidos, que governarão a Republica, consumirão a maior parte do seu tempo com o trabalho e cultura das terras. » (*) Outro tanto attesta Plinio, Ovidio, e outros muitos. E sendo taes os costumes primitivos deste grande povo, não será para estranhar, que varias familias illustres, e que muito representarão na administração do Governo, adoptassem por appellidos os nomes de alguns fructos, em que a sua industria os havia avantajado perante os seus Compatriotas; e d'aqui vierão os sobrenomes dos Fabios, dos Lentulos, dos Pisões, dos Pilumnios, e do mesmo Cicero.

Todas as Nações em fim soberão apreciar os grandes proveitos, que da Agricultura resultão, como premio e recompensa dos trabalhos e despesas necessarias para a fazer prosperar. E tempos houve, nos quaes se diz, que o nosso Portugal tambem os conhecêra; mas isto desapareceu, como tudo o que era bom. Presentemente não se dava honra ao arado, segundo era de justiça; e assim muitas terras estão incultas, e outras

(*) Pro Roscio Amer.

parecem estereis , em castigo de se-lhes haverem roubado os braços precisos , por differentes maneiras. Um Antigo magoava-se de ver, que se fazião chuços e espadas das fouces ; nós faremos incessantes votos, para que esta nova época se assignale , fazendo converter uma boa parte das mesmas armas em arados fortes , e peza-dos alviões. Então poderemos esperar , não só ter pão sem dependencia dos Estrangeiros , que levão o pouco dinheiro , que ainda resta ; mas ver em a nossa terra a criação do gado , que nos alimente , e que dê lãns. Assim dos progressos da Agricultura irá nascendo Industria fabricante , Commercio e Artes uteis : porque a Agricultura comprehende (como a seu tempo se mostrará) Ramos mui proveitosos e apreciados ; e taes são alguns fructos , e certas drogas para a Tinturaria. Estes objectos excitão os emprehendores , e fazem conceber grandes especulações ; porque iguaes produções tem o merito e o preço da raridade , e são verdadeiras mercadorias de luxo. E estas podem trazer grandes vantagens a qualquer Estado ; não porque o Estado as possui e pôde consumil-as : este procedimento em um estado nascente , e que ainda não tem os gêneros da primeira necessidade , em vez de lucros , causaria a ruína do mesmo Estado. Por tanto os vinhos finos , os fructos raros e as drogas , sómente produzirão grandes vantagens , se forem exportadas para o Estrangeiro : o que algum dia exporemos a nossos Leitores com maior clareza , e mais circumstanciadamente.

A' vista pois do que fica exposto , reservaremos sempre algumas paginas deste Periodico para darmos ao Publico algumas Memorias e reflexões , que importa muito , que sejam conhecidas por toda a classe Agricultora. E porque este objecto não tem sido sempre desattendido entre nós , mas alguns de nossos Monarchas legislárão sobre elle , conjunctamente com os Estados do Reino ; julgamos que não será fastidioso.

a muitos de nossos Leitores, verem aqui transcripta a mais famosa das Leis Agrárias, de que fallão nossas Historias.

Diz pois o Chronista do Reino Fr. Manoel dos Santos na oitava parte da Monarchia Lusitana pag. 134: « Sobre o outro Artigo das Côrtes (de Lisboa, » anno de 1371.), que tocava na falta e carestia do » pão, desejando ElRey dar remedio aos danos fu- » turos; e sendo informado, que procedia a falta, » não tanto das suas doações de terras, e reguengos » da Coroa, quanto de não se cultivarem por todo o » Reino muitas, que a ociosidade e menos applicação » dos paisanos tornava em mato, fez e publicou uma » Lei, a que podemos chamar Agrária; a qual se vê » no Archivo da Camera de Lisboa em um livro an- » tigo, que tem cartas e provisões dos Reis, fol 50. » He dada tambem em Côrtes, e na Villa de Santa- » rem aos 26 do mez de Junho, era de Cesar 1413. » A summa della vem a ser: —

« Que todos, que tivessem herdades, ou suas, ou » empraçadas de algum Senhorio, fossem obrigados » a lavral-as; e tendo muitas, a que não podessem » acodir, escolhessem as que quisessem lavar; as » mais dessem a outros Lavradores da sua mão. Que » fosse cada um obrigado a ter de seu tantos bois, » quantos fossem necessarios para boa cultura das » herdades, que possuísse; e para que esta Lei não » fosse causa de sobirem o preço ao gado, os Juizes » e Justiças dos Lugares avaliarião os bois, que se » vendessem, segundo o estado da terra, que se arbi- » traria tempo limitado e conveniente para execução » desta Lei; e os donos das herdades, se as não la- » vrassem per si, nem por outrem nesse tempo limi- » tado, as Justiças as darião por pensão certa a quem » as cultivasse; mas a pensão não seria dada ao dono » da herdade, senão ao commum do Lugar, para se

» despendem em utilidade dos povos. Que os que são,
» ou forão lavradores, filhos, ou netos de lavradores,
» e outros quaesquer, que usassem algum officio, que
» não fosse de tanta utilidade ao bem commum, como
» o da lavoura, estes taes fossem constangidos a la-
» vrar; salvo se tivessem de seu valia de quinhentas
» livras, ou de cem dobras; e se não tivessem herda-
» des suas, que lavrar, lhe fossem assinadas e dadas
» outras: que para melhor expediente deste negocio,
» se deputarião em cada lugar dous homens bons, os
» quaes terião por sua conta vêr e saber as herdades
» do seu territorio; e as que achassem serem fruti-
» feras, as farião aproveitar, e as taxarião a justa pen-
» são, que os lavradores haverião de pagar aos donos
» dellas; e não querendo o Senhor da fazenda convir
» em pensão razoada, nem lavrar a terra, a perdesse
» para o commum do Lugar. Que quem não fosse
» lavrador, nem criado seu, não poderia crear gado;
» e os outros, se o quisessem crear, se obrigarião pri-
» meiro a lavrar alguma terra, sob pena de perderem
» o gado para o commum do Concelho. Item; porque
» são necessarios serviçaes para os lavradores, para
» guardarem os gados, e para outros ministerios da
» lavoura, os quaes se não poderião haver na quanti-
» dade necessaria, por muitos se deitarem a pedir por
» ociosidade, e a esmola, que a estes taes se dava, a
» tiravão da boca de outros mais necessitados; man-
» dava, que quantos se achassem andar pedindo, fos-
» sem examinados pelas Justiças do Lugar; e se os
» vissem ser de taes corpos, saude e idade, que bem
» poderião servir em algum mister, fossem constan-
» gidos a servir por sua justa soldada, que o Juiz da
» terra lhe arbitraria; e se os achassem ter alguma
» aleijão, mas não tal, que os impedisse poderem
» servir com os outros membros do corpo, tambem
» os obrigassem a servir por sua justa soldada; e aos

» velhos, fracos ou doentes, darião as Justiças seus
 » Alvarás de licença para poderem pedir esmola; e o
 » que fosse achado pedir sem este Alvará, teria pena
 » de açoutes. Item; os que se achasse serem vadios,
 » chamando-se escudeiros, ou criados delRey, ou da
 » Rainha, ou dos Infantes, ou de outros quaesquer
 » Senhores, se não fossem conhecidos por dos taes
 » Senhores, nem mostrassem Certidão de andarem em
 » seu serviço, serião prezos pelas Justiças dos Lugares,
 » e constringidos a servir na lavoura, ou em outro
 » mister; o mesmo se faria aos que andassem pedindo
 » pela terra em traje de heremitães; e não querendo
 » estes trabalhar, serião pela primeira vez açoutados,
 » e sobre os açoutes, outra vez constringidos a que
 » trabalhassem; e sendo achados segunda vez ociosos,
 » serião açoutados com pregão; e ultimamente lança-
 » dos fóra do Reino; porque ElRey mandava e queria,
 » que ninguem no seu Reino fosse vadio; e para esta
 » Ley melhor se cumprir, os vintaneiros terião cui-
 » dado de saber a gente, que havia na terra, e os que
 » viessem de fóra, que homens erão; e sabido, darião
 » conta ás Justiças do Lugar: e se algum Fidalgo
 » amparasse a algum vadio, em pena pagaria qui-
 » nhentas livras, e sería degradado do Lugar, aonde
 » vivesse, e da Côrte seis leguas; e outros, que não
 » fossem Fidalgos, pagarião trezentas livras, e have-
 » rião o mesmo degedo. » — Atéqui a Ley Agraria.

(Continuar-se-bá em o Num. seguinte.)

REFLEXÕES SOBRE A ORIGEM
E PROGRESSOS DO COMMERCIO
NA EUROPA.

SE a Invenção do Homem tem produzido para a sociedade um manancial de riquezas, verdadeiramente communicavel a todos os Povos, he certamente ao Commercio, que se deve este bem commum; porque a experiencia tem mostrado pelos incalculaveis progressos desta Arte a sua influencia admiravel, que alem das vantagens primeiramente procuradas, e sobre as quaes se poem a mira principal, o mesmo Commercio concilia a civilisação dos costumes; de sorte, que aonde elle existe e se propaga, os homens tornão-se mais tractaveis e cultos; effeito da comparação, que he natural áquelles, que tem observado as maneiras e usos dos differentes Povos. Por esta razão não deve admirar, que o espirito commerciante tenha suscitado sentimentos philantrópicos, que tendem a estabelecer cada vez mais a paz entre as Nações; porque duas Nações, que negoceão, fazem-se mutuamente dependentes; sendo que a sua amizade tem por base necessidades, e vantagens reciprocas: e daqui nascem igualmente os sentimentos de justiça, que nos forção a respeitar a propriedade de qualquer; da mesma sorte que dezejamos vêr a nossa em segurança, e livre das occultas manobras do roubo e da dilapidação. Se quizermos convencer-nos bem desta verdade, e calcular as principaes vantagens do espirito commerciante, não temos mais, que considerar a grande differença, que a Historia nos appresenta entre os povos errantes ou barbaros, e os povos industriosos.

Assim affoitamente podemos affirmar, que o Commercio he a base fundamental da reunião dos homens, onde se combinão os interesses individuaes por meio da repartição dos lucros, que procedem das produções da Natureza e da Industria dos laboriosos: e he a uma tal Arte que a mesma Industria se conhece devedora das grandes perfeições, a que tem subido.

A necessidade, que os homens sentirão, de se desfazerem dos generos superabundantes, para procurarem outros, precisos á sua subsistencia, excitou o feliz impulso, que abriu caminho ao Commercio. Já no tempo dos Chaldeos e dos Fenicios encontramos o Negociante formado nas regras, que estabelecem esta arte. Achamos a industria destes povos reduzida a systema; e a pesar de que o gyro deste commercio lhe era pezado, por ser conduzido segundo a troca das fazendas, que possuem; assim mesmo existião Sociedades, que delle se occupavão, particularmente entre os Fenicios. Descobrem-se estabelecimentos de manufacturas, e uma attenção constante pelo aperfeiçoamento da Navegação; emprehendendo por este fim viagens longas e difficultosas: até que seu ingenho activo não tardou em conhecer a commodidade, que resultaria de se estabelecer um valor nas especies metalicas, e no papel abonado por aquellas sociedades, que ousavão emprestar tudo isto a juros maritimos, sobre as embarcações destinadas a irem procurar ao longe os effeitos, que tinham maior consumo na sua patria, ou entre os seus visinhos. Tal he o effeito do espirito mercantil; este faz o negociante attento ás precisões differentes dos povos: e assim concebe o projecto de ir buscar ao seio d'uma nação aquelles generos, que póde exportar para outra com vantagens. Desta sorte se enriqueceu Tyro, Carthago, Athenas, Marselha, Florença, Veneza, e ultimamente Inglaterra e Hollanda. Começando todas por um commer-

cio pequeno, este pouco e pouco foi prosperando, até que avultou desmedidamente, e com lucros excessivos dos que nelle se empregavão.

As artes e sciencias começaram a aperfeiçoar-se ao mesmo passo que a navegação se tornava mais facil e geral; pois se augmentavão os conhecimentos humanos, vendo os diferentes povos, e estudando seus costumes e Leis: e estes conhecimentos não ficavão inuteis para o Commercio; antes concorrêrão grandemente para o seu adiantamento e importancia.

Na era de Augusto já florescia Malta pela fama e opulencia de seus habitantes. Um grande numero de Fabricantes e Artifices havião procurado o seu estabelecimento nesta Ilha, aonde levantáráo maquinas: e os seus pannos forão neste tempo mui estimados e excellentes. Não nos devemos maravilhar disto, se attendermos a que os Maltezes erão descendentes dos Fenícios; pelo que conserváráo nas suas familias o espirito de Industria, que tinha sempre caracterisado aquelle Povo. Os Romanos, apezar da imperfeição da sua marinha, fazião tambem um commercio avultado nesta epocha, notavel pelo extraordinário acontecimento da Paz geral, tão celebre na historia: o que concorreu não pouco para que o Governo olhasse com mais attenção para este ramo da industria, como verdadeiro bem do Estado; e que alem disto lhe facilitava grandes recursos. No reinado de Tiberio tinhão os mesmos Romanos estendido tanto o seu commercio, que chegáráo ao ponto de lhes ser facil proteger as nações do Norte; e de lhes communicar o espirito de industria, que elles possuíão. Por este modo se foi propagando o commercio na Europa; creando pela sua influencia uma especie de nova sociedade em lugares centraes, que erão especialmente aquelles, que apresentavão maior conveniencia para a Navegação: uns de novo edificados, outros habitados por certas

companhias de negociantes, que não examinam os productos locais e todos os recursos, que poderão saciar os seus desejos. Este acontecimento assaz se manifesta pelo augmento, que naquelles tempos se deu á cultura das vinhas, assim na França, como em Espanha e Portugal; podendo fazer-se uma idea bem clara do grande lucro, que já dava este genero, observando nós, que os Lavradores destes reinos plantavam Bacellos, trazidos de Bolonha, em terras de arado, anteriormente empregados em produzir trigo e outros grãos.

Em tempo de Nero a Inglaterra era olhada, como foco do commercio, tendo entrado a industria naquella Ilha de companhia com as Cohortes Romanas; e se fazia um commercio muito activo pelo transitio das Gallias, bem como por via da navegação se praticava na costa septentrional da mesma França: até que no seculo nono começaram a figurar os Venezianos por causa da sua comunicação com a Asia e o Levante, donde importavam sedas, drogas, especiarias, e outros productos Orientaes com grande abundancia, e não menores lucros; pois forneciam toda a Europa destes generos, que eram um trafico exclusivamente da sua Republica.

Porem o que contribuiu mais para se propagar o commercio na Europa, e para duplicar os seus lucros, foram as guerras da Cruzada no seculo 13. Constantinopla, capital do Imperio do Oriente, tinha escapado aos estragos dos barbaros, que assolaram Roma, e o Imperio do Occidente; assim Constantinopla foi o unico abrigo das Sciencias e Artes, bem como o principal empório do commercio por seculos; por que alli sómente se conservava o gosto pelas mercadorias, e luxo dos Asiaticos. Italia, como visinha, e com relações antigas, foi pouco e pouco tomando as primeiras instrucções, e resurgindo da ignorancia,

em que os Vandalos a tinham sepultado: e como Constantinopla tinha ficado, por assim dizer, o quartel general dos exercitos Christãos, que marchavão para a Palestina, e dos que tornavão para seus proprios territorios; abrio-se grande communicacão entre a Europa e o Oriente: e por isso não obstante ficar frustrado o principal objecto destas expedições, que levavão o fito na conquista da Terra Santa; o Commercio, que não tinha sido intentado, foi quem adquirio todas as vantagens, que redundarão tambem em proveito das Sciencias e das Artes. Esta a razão do grande cúmulo de riquezas, que algumas familias amontoarão: não tiverão outra origem as dos Medicis na Italia; pois ajuntarão tamanho cabedal, que chegarão a comprar o Grão Ducado da Toscana, do qual forão senhores por tempo dilatado.

Desta fôrma florecendo o Commercio, florescia a Agricultura, a Industria, as Sciencias e as Artes; e os Estados se tornavão opulentos e respeitaveis.

Pouco tempo depois destas guerras se inventou a Agulha de marear, preciosa descoberta, que facilitou a communicacão para as nações mais afastadas; o que effectivamente fizeram alguns portos da Italia, especialmente Veneza e Genova, que navegavão ao Oriente, e Portos do Egypto. Daqui vinhão as mais ricas producções, que apparecião na Europa; a qual insensivelmente foi tomando gosto por uma elegancia desconhecida nos tempos anteriores. E quem fazia quasi todo o commercio na Europa em os Seculos 12 e 13, erão estes Italianos, conhecidos naquelle tempo pelo nome de Lombardos.

Mas o Norte não ficou por então ocioso; pois vemos, que no Seculo 13 já florescia o commercio em algumas das suas Cidades: porem como os povos, que cercavão o Baltico, erão ainda barbaros, e infestavão este mar com suas piratagens, virão-se forçados

os commerciantes de Lubek, Hamburgo, e outras Cidades a formar uma confederação, que protegesse a navegação contra as emprezas dos piratas. Esta, conhecida pelo nome de Confederação Anseatica, obteve taes vantagens, que tendo começado entre 12 Cidades, muitas outras procurárão a sua alliança; e esta liga se estendeu a 80 das mais ricas, situadas nos vastos paizes da Alemanha e Flandres, e desde o Baltico até ao Rheno. Por esta causa não só se fazia formidavel, mas abrangia quasi todo o commercio, que começou a ser tratado com systema, e regulado segundo as resoluções, que dimanavão das Assemblêas geraes, que para este fim se reunião. Os Flamengos, que formavão o ponto do contacto entre os Lombardos e a Confederação Anseatica, crescêrão tão rapidamente, que Flandres e as provincias adjacentes forão por então o lugar mais rico, povoado e industrioso de toda a Europa. Eduardo 3.^o de Inglaterra, dotado de grande penetração não deixou de conhecer promptamente a causa verdadeira da florecente situação destas provincias: e dezejando, que os seus vassallos prosperassem igualmente, convidou para os seus estados varios Artistas de Flandres, e fez que em Inglaterra se assentassem as primeiras manufacturas de lã: attendendo a que sua posição geografica promettia iguaes vantagens a um povo, que se tornasse industrioso.

Seguiu-se a descoberta do cabo da Boa Esperança, feita pelos Portuguezes, que successivamente forão formando muitos estabelecimentos na Costa d'Africa, na Arabia, e finalmente nas Indias (*): grandes descobertas, feitas por esta Nação ousada e valerosa, que chamando então o Commercio a Portugal, destruiu todas as Operações das Cidades Anseaticas, e

(*) A India foi descoberta em 1496. *Carta de Vasco da Gama* (1)

ficou nesta epocha gozando de todas as vantagens de um Commercio tão vasto, como importante. Esta Nação emprehendedora possuia então uma poderosa Marinha, que a constituia Senhora dos mares, e era a mais adiantada da Europa em conhecimentos Nauticos. Porém como quer que acontecesse descobrir tambem a America (*), assim como depois os Espanhoes por outro lado, fitarão desde então as suas vistas para o Novo Mundo; e se apoderarão daquelles grandes recursos, que derão e darão por todo o tempo Leis ao Commercio, as minas d'ouro e prata: e desta arte se constituirão as nações mais opulentas de toda a Europa. Até que pela grande emigração, tanto de um como de outro Reino; e bem assim por causa das demasiadas riquezas de muitos dos seus habitantes, se paralysoou a sua industria, e deu lugar á de Inglaterra e da França. Estas duas Potencias começarão então a cuidar do Commercio da India, e a tirar todo o partido mais consideravel; assim por meio de crescidos estabelecimentos, que allí collocarão; como tambem pela perfeição comparativa das suas Artes e Manufacturas. Por esta causa os novos Comerciantes adquirirão cabedaes immensos: e assim se lhes facilitou o pôderem chamar a si o principal commercio da Europa pelos largos creditos, que derão aos seus concurrentes; e pelo prompto pagamento, que lhes não era incommodo fazerem pelos generos importados do Estrangeiro.

Atéqui offerecemos aos nossos Leitores uma breve exposição da origem e progressos do Commercio da Europa, o qual com os seus productos cria e fomenta igualmente as Artes. E como o nosso projecto he de tractar sobre este assumpto com toda a extensão, não só na sua historia, mas tambem nos importantes ra-

(*) O Brazil foi descoberto no anno de 1499.

mos, que formão a sua essencia ; tencionamos dar progressivamente em peças separadas as informações mais uteis sobre as relações commerciaes entre nação e nação : como também expôr as descobertas, que tem aperfeiçoado as Manufacturas e Artes entre as nações mais adiantadas. Por tanto nos contentamos por agora com referir nossos Leitores para o seguinte Periodico, no qual daremos principio a este pezado trabalho.

DOCUMENTO PARA A HISTORIA
PORTUGUEZA.

*Discurso da vida e serviços de Miguel de Moura ;
escripta por elle mesmo. (*)*

Segundo o exemplo de alguns homens (ainda que poucos) Christãos, prudentes e honrados, que deixarão papeis do discurso de sua vida, porei neste algumas cousas, que me lembrarem da minha ; não tanto por dar razão a ninguem, depois de ella acabada, com que tudo se acaba, mas pera em quanto me durar (que já será pouco tempo, segundo a idade, que sou chegado, e enfermidades della), trazer sempre na memoria o muito, que devo a Deos nosso Senhor, e dar-lhe graças por todas suas misericordias ; entendendo que sem comparação de todo o encarecimento,

(*) A copia será fielmente trasladada do antigo manuscrito, que temos presente.

são muito mayores que as que meu fraco talento pode alcansar com o possivel estudo e consideração, a que nisto me leva o meu conhecimento, e a minha obrigação; e invocando a graça divina, digo assi.

Naci em Lixboa a 4 de Novembro de 1538, e diz meu pay em hũa lembrança sua, que á enchente da Lua, em Cataquefarás ao Corpo Sancto, onde meu pay pouzava, por ser perto do paço, porque estava ElRey D. João então nas cazas do Duque de Bragança; e fui baptizado na Igreja dos Martyres, tão antiga, como a deste mosteiro, e da mesma maneira invocada, e fundada pela mesma causa, onde espero em Deos ser enterrado: fiquei orfão de pay de idade de dez annos, e dahi a dous em ponto o fui tambem de mãy, a que ja naquelles tenros annos fiz o seu testamento de minha letra. Sendo de menos de sete annos, me tomou ElRey D. João, que Deos tem, que foi em janeiro de 1546, que passa de corenta e oito annos, quando agora escrevi isto, hoje vespora de S. Pedro 28 de junho de 1594, e tantos poderia dizer, que ha que sirvo, porque de minino comecei ir ao paço, onde depois fui sempre continuo, tendo muito pouco tempo pera couzas de moço fora das travessuras do paço, em que havia algum bom modo, porque mo fazia ter hum homem muito honrado, que tive por ayo, e o começou a ser desque naci, porque elle me levou á pia nos braços, por respeito do qual mo tinhão athe os moços fidalgos travessos: aos ossos deste homem (que se chamava Luiz Pires Machado, muito conhecido na Corte, criado de meu pay antigo, que com elle tinha ido a Cepta, Tangere, Alcacere, e Arzilla, e não sei se tambem a França) devo muito, porque nelle tive ayo, tive criado, tive pay, e tive mãy, e em caza me occupava na lição de ler, e escrever, e em jugar a pella; depois do falecimento de minha mãy me levou pera sua caza o Senhor Conde, que Deos tem, de

Castanheira; e nella, ou muito perto della estive sempre, athe que cazei, recebendo delle sempre muitas mercês, muitas honras, e muita doutrina, tendome como proprio filho, e se eu com alguma cousa acerto, delle o tomei, sendo o homem de nossos tempos, que melhor podia ler esta cadeira que ninguem, e por fallecimento de meu pay dous annos antes disto me levou beijar a mão a ElRey D. João, á Rainha D. Catharina, e ao Principe D. João, indo pera isto á casa de minha mãy, fazendo isto com tanta seremonia, e indo por ruas de caminho mais cumprido, tudo como se eu fora hum Viso Rey velho chegado da India; e vindo hum dia do paço, sendo eu de pouco mais de doze annos, me disse, que dando elle conta a ElRey D. João do que lhe a elle parecia, que naquella idade eu ja hia mostrando, me mandava S. A. aprendesse Latim, com que o Conde, que Deos tem, se apreçou mais a mandar vir de Coimbra hum Clerigo bom Latino, que inda hoje he vivo, Prior de Bussellas, pera ensinar seu filho D. Hieronimo, e seu neto o Conde de Monsanto, e a mim, e dizia-me pera me persuadir a isto (como se eu minino fora hum homem velho), que de muita idade começarão Francisco de Saa, e Jorge da Sylva a aprender Latim; durou-me esta lição pouco mais de dez mezes mal continuados, porque de idade de onze annos comecei a fazer papeis do officio de escrivão da fazenda, do que ElRey D. João me mandou depois passar carta formal, em que não pude ser nomeado, senão por moço fidalgo, sendo eu então de dezaseis annos; e andei ainda em pellóte no paço alguns dias mais, porque naquelle tempo não trazião os moços fidalgos capa, nem espada, senão quando podião parecer homens; e não vi quem a tomasse mais cedo que eu, nem ministro da mesma profissão, com quem então se dispensasse na espada, nem o Conde da Idanha, em quanto foi Secretario, a

trouxe nunca; e este officio de escrivão da fazenda estimou muito porque foi o primeiro degrão da escada, que Deos quiz, que subisse sem cahir della: e tambem tinha o exercicio de cavallo e jogo de pella, que tirava pela minha natureza mais que nenhum outro, em que se empregão muitos mancebos.

De ElRey D. João fui sempre tratado nas couzas, em que se servia dos moços fidalgos, em que era tão ponderado, como em tudo, fazendo differença de uns a outros (segundo a qualidade de cada um e merecimento dos pays) conforme a sua condição real, que tinha por objecto um minino orfão, filho de bom pay, do qual por seu falecimento disse, que merecia o nome de justo, que se prova bem por sua vida, e por suas obras, e por ser só o homem de sua calidade e serviços dos daquelle tempo, que mais pobres deixou seus filhos, não tendo meu pay nunca outro macho; de quem me ficarão de legitima pouco mais de mil e quinhentos cruzados, que indaque forão de renda, não era muito: e sendo eu minino, se começou a fiar de mim segredo, entendendo-se que o tinha por natureza, a qual se confirmou com um acontecimento em vida inda de meu pay, sendo eu de oito annos, ou nove, dando-me um papel pera lho copiar, e vindo minha mãy ter comigo com alvarço de me ver fazer aquillo, lhe não mostrei o papel, de que meu pay e ella ficarão contentissimos, e eu com aquillo tanto na memoria, que naquella idade soube depois ter segredo em outras couzas.

Persuadido o Conde, que Deos tem, ou de me ver tão pobre, ou de se não fiar dos desatinos de moço (posto que naquella idade, que seria já então de doze annos pera treze, lhe pronosticava de mim algumas couzas, que depois se virão), tratou de me cazar logo, a que refuzei com tanto impeto por cima da obediencia, que lhe tinha, que lhe mandei dizer por um ho-

mem, que inda hoje he vivo, que me lançou por espia: que se mais me fallasse em cazar, me lançaria de uma janella abaixo; de que elle ficou muito espantado, porque até aquella hora, nem inda depois em nenhum outro cazo entendeu de mim, que eu lhe tinha menos obediencia, da que lhe devia, antes se contentou sempre de mim tanto, que me gabava no rosto, sem lhe parecer, que me faria aquillo dano, senão proveito; e me disse por vezes, que indaque era moço, tudo me estava bem, e que havia de ser uma grande couza.

Todavia casei de 14 annos, parecendo de muita mais idade, porque em menos daquella era já tão comprido, como agora, e por ser então muito magro parecia mais alto; indaque me custou mostrar-me não galante naquelle acto matrimonial, mas depois me mostrou Deos com o tempo, que fora isso ordenado por elle pelas consequencias, que o mesmo tempo trouxe não sómente na pessoa de minha molher, mas em outras couzas, que com ella alcansei, que por ventura sem ella não tivera, e basta dar-me Deos por mãy a sua, que acabou com 43 annos de Religião de Freira Descalça, e tambem cuido, que se me não cazarão naquelle tempo da mininisse, que tarde, ou nunca professára este estado de vida; mas isto são juizos de Deos incomprehensíveis.

Por falecimento d'ElRey D. João me ouve eu de todo por acabado, porque tambem o Conde, que Deos tem, ficou então acabado; e comecei tão de novo com a Rainha D. Catherina, que muitas vezes me chamava pelo nome de meu pay, e depois me dizia *perdoame*, com que lhe eu ia beijar a mão, e então folguei mais com o appellido de meu pay, posto que por elle mesmo trouxesse outro de mais obrigação, que he São Payo; e em muitas cousas comecei de ver este dezemparo, comque havendome por agravado da Rainha em uma occazião, que se offereceu, em que quiz

antepor Janálvez dandrade em cousas do officio da fazenda (que ambos tinhamos, precedendo eu no mesmo cargo, postoque elle fosse mais velho outros tantos annos), me determinei comigo (sem o communicar a ninguem, nem ao Conde, que Deos tem, temendome do seu sizo) de fazer uma falla á Raynha, em que lhe mostrei, *que me não guardava justiça, e que ante ella montava mais a valia dos parentescos e Cunbadios de Janálvez, que os merecimentos de meu pay, que podéra ter tão ricos arrêos, como o pay de Janálvez, pois ninguem dos homens, como elle, os merecêra melhor;* deste termo, de que então minha natureza se satisfez, com que juntamente pedi licença á Raynha pera me ir pera a India, e professar antes soldado, que ministro cortezão; com que os que vião este jogo de fora cuidavão, que eu me perdia nelle, como mancebo mal aconselhado; ordenou Deos (de quem procedem todos os bens, esquecendosse de nossas faltas), que estas minhas se convertessem em alchimia verdadeira, e começou a Raynha a pôr os olhos em mim por sua grande virtude e molher de seu marido (como lho eu tambem lembrava em meus aggravos), e indeque me ouvesse por mão de contentar, e dicesse a algumas pessoas, *que eu era homem de bem, mas tam vão, que não podia comigo* (*): dali por diante se serviu de mim em negocios de mais sustancia, e me despachou com tenças e promessa de commenda.

Offerecendosse depois o serco de Mazagão, me fiz prestes pera elle com o dinheiro de Fernão dálvez da Cunha amigo muito de meu pay, de quem eu athé então o não quiz tomar pera outra nenhuma cousa, padecendo tamanhas necessidades, *que cheguei a vender, pera comer, até a guarnição de prata do freio do Cavallo, em que andava, sendo esta minha pluma, porque com*

(*) Ver-se-ha pelo decurso deste papel, atéque ponto chegava a perspicacia da Raynha. *Redac.*

toda minha muita pobreza sempre com cavallo, quando não cavalos, e vestido limpo, inda que ás vezes safado, e as camizas lavadas; e estas necessidades padeci maiores, depois que faltou meu ayo, que em quanto elle viveo, inda que auzente, tudo supria, e me ajudava ás vezes com o seu, porque tinha elle fazenda grangeada por sy, sem lha meu pay dar; e foi este hum raro criado, e não sei nenhum moço fidalgo daquelle tempo, por mais honrado, nem melhor herdado que fosse, que tivesse o Ayo, que eu tive, que me acompanhava com muito bons ginetes seus, e assim folgo de tornar a elle, e que no discurso deste papel haja muitas occasioens de o fazer mais vezes.

Não quiz a Raynha que eu fosse a Mazagão, que ella soccorreu valerosamente, assim como a tolheu a muitas pessoas de importancia, que eu então era nada; neste meu trabalho de me haver por mal contente da Raynha, e pôr a prôa na India, me disse o Conde da Idanha, que então era Secretario, não tendo inda comigo a amizade, a que depois viemos, porque tambem não se adjectivárão os seus annos com os meus, sendo eu então de menos de dezanove, ou vinte, que soffresse, que assi o fizera elle e o fazião todos, e que esperasse a minha hora, porque não sabia que via em mim, que andando o tempo eu seria hum dos homens, que então averia: e desta profecia se gloriava muito depois e ma trazia á memoria muitas vezes.

A primeira causa, em que na mecanica da escriptura mostrei claramente, que podia prestar pera outra differente da que uzava foi, que mandando-me a Raynha ao Conselho (*cousa a que ella deu principio neste Reyno no principio do seu governo*) com huns papeis importantes, que nelle se havião de ver, sendo então os do Conselho o Conde, que Deos tem, o Bispo D. Julião de Alva, o Conde da Idanha, Secretario então, Martim Affonso de Souza, D. Gilianes da Costa e

Jorge da Silva, me disse o Conde, que Deos tem (que ali prezidia), depois de todos terem votado, e elle por derradeiro, que eu tomasse em lembrança a rezolução pera a Raynha a vêr com o Cardeal, e com elles, que os havia de chamar pera isso; tomoume aquillo muito desaperebido, porque foi a primeira vez, que me achei no Conselho, e me vi em grande trabalho, e nelle me emcommendei a Deos muito desconfiado de mim, e lancei um borrão, que não pude tirar a limpo antes de a Raynha me chamar; e mandandome que o desse ao Secretario para o ler (porque elle lia tudo quanto os outros ministros trazião, quando elle era prezente), lhe disse, que o papel por vir riscado e entrelinhado, não o poderia ler senã eu; e isto era entrar em outra batalha, dando eu mesmo o pregão de minha insufficiencia: disseme então a Raynha, que o lesse; e Deos, que acudia a agonia, em que eu estava, assim me tinha guiado a mão, sem o eu entender, que ouveirão todos os do Conselho, que não sómente tinha bem recopilado os seus votos, mas que na sustancia delles estavam ainda mais rezoens, que as que elles derão; fiquei dali muito acreditado com a Raynha e com o Cardeal e com todos, e eu muito contente com os gabos, que o Conde, que Deos tem, me disse depois, porque já naquella calidade de couza não sómente me mostrava Secretario, mas Conselheiro de estado, e dahi por diante foi a Raynha favorecendome tanto na substancia das cousas, como dantes o fazia nas palavras, e algumas vezes me mandava abrir a porta de noite, pera lhe levar papeis, estando já o paço fechado com os moços do monte fóra, e ella com a cama feita e sem manto.

Deixou a Raynha o governo, e entrando nelle o Cardeal, fui vizitado desta perda minha, avendosse que tinha Senhor novo, que indaque já tivesse conhecimento de mim, tinha-me por mais criado da Ray-

nha : mas assi me ajudou nosso Senhor com este Santo Principe, que logo em tomando o governo, tratou de mim, como de um homem prudente e velho, não havendo em mim nada disto, communicando-me cousas sustanciaes, não sómente do governo, mas ainda das Religiões, e dizia, que posto que era mancebo e secular, me achava talento, como que se queria desculpar consigo, e que soubesse eu, com que lhe parecia que tirava a duvida, que pudera ter, de fazer de mim mais cazo, do que convinha: neste credito com o Cardeal me ajudou muito D. Martinho Pereira, que foi sempre muito meu amigo, como meu pay o fora do seu, e era muito aceito ao Cardeal, como tambem depois o foi a ElRey D. Sebastião por suas muitas virtudes, e partes escondidas aos homens, que não sãbião d'elle muito, que depois mostrou nas couzas, de que foi encarregado.

Acabou-se o governo do Cardeal, quando o entregou a ElRey D. Sebastião em idade de 14 annos; aqui me dei outra vez por mais que acabado com ElRey daquela idade, que nem de vista quazi me conhecia, antes pera me desconhecer de todo, havião precedido paixões entre alguns de sua Camara, e eu; entrou ElRey no governo em Janeiro de 1568 em Lixboa, e dali pouco mais de mez e meio se foi pera Almeirim, e eu me deixei ficar na Cidade, fingindo ser assi necessario, pera se acabar o estanque das petições, em todo o Reyno negocio de segredo e importancia, cuja ordem estava a meu cargo; e indo um criado meu, que me escrevia antes de Lopo Soares, com uns papeis pera ElRey ao caminho, que assinou na Azambuja, estando com ElRey a Raynha e o Cardeal, que então lhe assistião de continuo, perguntou ali a Raynha ao Cardeal, como não hia eu com ElRey; a que respondeu o Cardeal, pondo os olhos em ElRey: *Se V. A. não tirar muito por Miguel de Moura, elle não ha de tirar por V. A.*

Estava neste tempo o Conde da Idanha, então Secretario, fora da Corte e graça d'ElRey, e tratava-se com elle, que renunciasse o officio, como se concluiu dali a pouco, e se lhe deu a seu prazimento satisfação: chamou-me ElRey, e me fez mercê d'elle, e foi isto obra do Cardeal, porque já a Raynha tinha menos parte no governo, e estava apartada d'ElRey, e disse-me depois o Cardeal que dissera a ElRey, que se me tinha acertada a junta do em que o poderia servir, e era isto, porque governando a Raynha me quiz ella occupar no officio das petições, por dar então o ar a Andre Soares, que as tinha, lembrando-lhe que fora aquelle officio de meu pay, a que tive por Oppozitor Janalvarez dandrade, porque tambem seu pay tivera o mesmo officio, mas não se lhe deu nunca, nem eu o aceitei, porque sempre este genero de occupação repunou á minha natureza, tanto que nem depois, sem haver de trazer petições, me pude persuadir a votar nellas, porque acudiu a gente a mim, que me muito cançava, de que digo minha culpa, e a confesso por tal; e depois governando o Cardeal, vendo que eu me não accommodava a estas couzas, disse perante mim ao Conde da Idanha, que alguns homens tinham negócios, a que elle os não houvera de dar, senão porque eu os não aceitava, e então encarregou deste officio Manoel Coresma, que nem depois de ser Veador da fazenda, o largou; dando-lhe ElRey D. Sebastião o segundo cargo, pera deixar o primeiro. E por acabar desta vez de fallar nesta materia, digo, que ElRey D. Henrique, depois de o ser, dando este officio a Sebastião Dias, por Manoel Coresma ficar em Africa, quizera despachar comigo sómente, e me foi necessario fazer-lhe grandes instancias, pera que me desobrigasse disto, e o mesmo requerimento tive com ElRey D. Sebastião, em que se passarão muitas couzas em tempo de Manoel Coresma, a que ElRey mandava, que comigo communicasse alguns despachos.

Quando me vi em Secretario de estado na successão de um tão grande ministro, como era o Conde da Idanha, postoque muito estimei o cargo, não pude deixar de sentir mais a occasião de descobrir minhas faltas nelle, e tambem de aver de saber muitas couzas (como eu dizia então a ElRey), que me fizessem perder o sono, que sem ter noticia dellas, me não darião cuidado.

Acudiu-me Deos com suas mizericordias, que sempre me soccorrerão em todos meus trabalhos, e assi ordenou o que lhe puz nas mãos, que em poucos mezes fiquei havido per Secretario velho, tendo este officio escripturas raras, mormente naquelles tempos, em que a Secretaria deste Reyno se estendia a Papas e a Reys christãos e infieis, e sobre materias de muito grande sustancia, sendo a opinião do mundo, *que mais honra um Rey um Secretario prudente e de bom estyllo, que um Capitão valeroso e experimentado*, porque no Secretario consiste o entendimento do Rey, que diz e assina o que seu Secretario dita e escreve; e o successo da guerra prospero, ou adverso, se attribue mais particularmente ao Capitão, que a seu amo.

Foi ElRey D. Sebastião crescendo na idade, e eu tambem fui crescendo em reputação com elle, não havendo de minha parte mais que o afervorado dezejo, com que sempre servi, trazendo o tento em elle não poder ter de mim nenhum descontentamento. E succedendo um grande e subito accidente, em que a honra e a natureza propria me obrigarão a não guardar esta regra, que em mim tinha posta, assi aconteceu, que daquillo, em que cuidei, e pareceu a meus amigos, que estava a minha perda, tomou ElRey motivo, contra opinião de alguns seus validos, pera me haver por homem de espirito, e assi o disse em minha auzencia, e desali tive muito melhor lugar com elle, do que athe então; e foi esta outra tal, como a que

atrás digo, que passei em tempo da Raynha, mas com tudo isto sempre me arredei de lhe apparecer, senão quando me chamavão, com que me fui conservando no respeito, que sempre me teve de tal maneira, que com elle ser *muito colerico, e eu muito afastado dos mancebos seus validos*, nunca me disse palavras, que me fizessem cuidar na mofina daquillo (que fora major pera mim, que pera toda outra pessoa, porque cuido que o não pudera servir), antes se ElRey avia de dizer alguma galantaria sobre pessoa, a que eu pudesse ser sospeito, me dizia tambem por galantaria, quando erão os do Conselho, ou outras pessoas presentes, *se dava eu licença, ou se perduava*; mais devo ainda que isto a este bom Rey nosso, que havendo alguns desgostos entre elle e ElRey D. Henrique seu tio (por quem principalmente uzava comigo o termo, que asima digo) mos communicava com tanta segurança no meu segredo, e na confiança, que de mim fazia, que aindaque geralmente eu era avido por criado do Cardeal, e não faltava, quem dicesse a ElRey o que não era necessario referir, sempre Sua Alteza se persuadiu mais do que de mim cria, que do que lhe querião fazer crer de mim: o mesmo procedimento tinha comigo o Cardeal, a que não gabo isto tanto, porque era velho, e havia mais rezoens pera me conhecer melhor; mas louvo muito a Deos em como me encaminhou com estes dous Princepes, sobrinho e tio, um mancebo e outro velho, não sómente sem eu errar a nenhum, mas sem nenhum delles cuidar, que podia eu fazer este erro, nem a sy, nem a outro; e diziam Thomé de Souza, meu padrinho, homem prudente e discursivo (no tempo, em que parecia á gente que ElRey, a Raynha sua avó, o Cardeal seu tio, não estavão todos trez mui conformes), que uns homens erão d'ElRey, outros da Raynha, outros do Cardeal, e que eu só era de todos trez pela acceitação, que via, que com cada um de SS.

AA. tinha em um mesmo tempo, sem eu o procurar; e porisso seria tambem, que muitas vezes acontece alcançarse aquillo menos, por que se trabalha mais.

Quando ElRey D. Sebastião passou á Africa a primeira vez no anno de 574, estando eu pera me embarcar com elle em Cascais, fazia já então tanta conta de mim, que me mandou, que ficasse, entregando o governo do Reyno ao Cardeal, e lhe fallasse na materia *(que toda a remeteu a mim, sem atbe então ter tratado nada della com elle)*, e que o persuadissee, que o accettasse, o que ElRey duvidava tanto, e com razão, pelo que do Cardeal se entendia, que me deixou outra ordem de governo, quando esta se não effeituasse *(que ainda atbe hoje tenbo em grande segredo)*, e juntamente me mandou, que feito este officio da entrega do governo, me fosse a elle ao caminho, pera o servir na jornada d' Africa, como já mó tinha dito des a primeira vez, que me communicou este segredo, quando elle inda era tão grande, que se não sabia, postoque todos o adivinbassem pela sua inclinação, e Deos sabe o meu sentimento interior de todo aquelle tempo, e se fiz alguma cousa em beneficio disto no pouco, a que podia chegar, não podendo ninguem nada com ElRey neste seu dezejo, em que se transformou todo; dei a sua embaixada ao Cardeal, que de Cascais fui buscar com toda a preça a Alcobaça, donde já era partido pera Lixboa, a vizitar a Raynha com o espanto do avizo da partida d' ElRey, e o vim alcançar a São Bento de Enxobregas, onde lhe fallei, e por nenhum cazo queria aceitar o governo, e vendo-me neste trabalho, e Portugal sem o seu Rey, e sem quem o governasse por elle *(e entendendo que não convinha abrirme na segunda successão, pera que tinha commissão, postoque com esta repugnancia do Cardeal ficava obrigado a logo o fazer)*, me resolvi comigo em exceder a minha dita commissão, e disse ao Cardeal ao outro dia *(vendo que se não persuadia, nem o seu confessor o podia acabar com elle)*, que

pois não aceitava o que ElRey lhe pedia, como sobrinho a tio, e de afilhado a padrinho, que eu tinha ordem sua pera lhe notificar, como mandado de Rey a Infante, e Senhor a vassalo; e se não obedecesse, protestasse pelas perdas e danos do Reyno, e me fosse pera elle com este officio feito, ao qual se rendeu o Cardeal, como quem era, e o deixava fazer, porque lhe parecia, que ficava approvando a jornada d'ElRey, que elle sempre contradisse, e tambem não se achava com forças pera este trabalho.

Sabido por ElRey o que nisto fiz, em que tanto excedi a ordem, que d'elle tinha, mo louvou e agradeceu muito; e querendo-me despedir do Cardeal, pera ir tomar a ElRey ao Algarve, me entreteve, com que deixasse compor as couzas do governo, e com isto me iria, e escreveu logo a ElRey na posta, que elle sem mim não podia com aquelle trabalho, pedindo-lhe me mandasse sob pena do cazo maior, que ficasse com elle. Respondeulhe ElRei, que postoque tinha muita necessidade de mim, tratava mais da sua; e a mim escreveu da sua mão, que por então sobrestivesse na minha partida, atheque elle me mandasse outro recado, e que entre tanto o servisse de Veador da fazenda em todas as trez repartiçoens della, porque ElRey levou consigo o Conde de Vimiozo e D. Alvro de Castro, Veadores da fazenda, que então sómente as tinhão; refuzei entrar neste cargo, por ser de muito negocio de partes, de que sempre fugi, e tambem porque parecia hum pregão de eu já não aver de fazer a jornada de Africa: e como mancebo, desconfiava de não ir a parte, donde ElRey levava athe os velhos; e a minha inclinação se ia mais apoz correr a carreira em ginetes, que eu então tinha muito bons, que a fallar com contratadores e rendeiros: e estava prestes pera a jornada, e parecia tambem que por este caminho tinha mais certa medrança com ElRey; mas todavia fiquei em Portu-

gal, atheque elle veio, e antes que chegasse, de Lixboa me mandou chamar a Alcacere, que o fosse esperar a Setuval, e tendo eu então minha molher com uns accidentes, prosupuz não a deixar, approvando esta determinação a Sanctidade d'ElRey D. Anrique (que então estava em S. Bento, e eu com minha caza na quinta de Marvilla), postoque dezesasse e lhe cumprisse ir eu a ElRey; e toco esta digressão de minha molher, em que a pudera escuzar neste papel, por juntamente dizer, que todas as vezes que me ouve mister, lhe acudi, aventurando por isso o lugar, que tinha, sendo maior gabo o dos Reys, e especialmente o d'ElRey D. Sebastião, que nunca por isto me mostrou nenhum descontentamento, deixando eu com minhas auzen- cias de esta cauza de o servir em couzas de muito seu gosto, *que erão escripturas suas particulares, em que não sendo eu prezente, elle escrevia de sua mão, e quando o não fazia, occupava sómente nellas Christovão de Tavora, que lbe era tão aceito, como se sabe.* Todavia achando-se minha molher com alguma melhoria, fui a Setuval, como era rezão e obrigação, que assim fosse, onde recebi tanto favor e mercê d'ElRey, dando-me conta da sua jornada, como se eu fora o que viera de Africa com alguma victoria.

Tornou ElRey a Africa segunda vez no anno de 578, em que tambem me levava comsigo, deixando no Governo do Reino as quatro pessoas, que pera isso nomeou; e depois de embarcado se rezolveu, em que eu tambem ficasse no mesmo governo, e mo mandou sob pena de cazo maior, de que me ficou um papel assinado por elle com as rezoens, que a isto o obrigavão, e que quando tornasse a Africa me levaria comsigo; e dezesjava S. A. que eu fosse com elle pera as couzas particulares, que atraz digo, em que folgava de se servir de mim, com que eu sempre cuidei, que tinha certo ir com elle, e me apercebi pera

a jornada, com me fazer pera isso mercê athe do que me fosse necessario de seus almazens.

Não fiquei com nome de Governador, mas fiquei igual com elles (com que o sobescripto da honra ficou em seu lugar) assim no assento, encostados todos cinco á parede, como no voto, e nas chaves do caixete do sinal delRey, que me tinha entregue a mim só, alguns dias antes da sua partida; nas assinaturas, que fazia, na minha mão estava sempre, e de minha mão se meteu depois de sua partida debaixo das cinco chaves, em que esteve no governo; e diziam ElRey, que me não deixava o nome de Governador, porque sem elle estivesse mais livre, e *pudesse ser melhor medianoiro entre o governo e o Reyno, e compor os homeus e o Cardeal correr comigo como mais sospeito a elle, que ao governo, e avisalo de tudo conforme a particular ordem, que pera isso me deu; e que finalmente me deixava por Governador dos governadores;* duroume este trabalho pouco, mas foi grandissimo, e fiz naquelle breve tempo mui particulares serviços a ElRey, e á terra, em modo que fiquei depois fora do escrupulo, em que minha desconfiança me tinha posto de não ter feito a jornada de Africa (apoz outra, em que tambem não fui), *não porque a cubicasse, senão porque indo o meu Rey, nella me queria ganhar, ou perder com elle,* e assim lho dizia nas minhas replicas, recebidas delle muito bem; que se S. A. mandára hum filho, ou hum irmão a Africa, não fora com elle, aindaque por isso me fizera huma honra particular; e que por nenhuma mercê deixaria de ir com elle: entendi depois, que fora vontade de Deos que ficasse, por hum escripto, que inda tenho nos meus papeis, de hum Religioso servo seu, pera mim feito, antes da partida delRey, em que me significava e pronosticava o que depois aconteceu; e quando chegou aquella triste nova de ser perdido tudo, na descomposição de então tive muito mais que fazer, *ficando todo o governo em mim;*

só na apreçada e considerada ordem, que dei ás cousas em tamanho e tão subito labarynto dellas, dissimulando humas, que em tão grande dor se podia mal fazer, e provendo em outras por momentos (em que serviu muito bem o Secretario Lopo Soares, que não foi com ElRey, por ficar cá fazendo este officio, e por elle me tinha eu despedido de S. A., quando partiu, indo elle a isso á sua galé, que ia já vogando junto de S. Gião, não me atrevendo eu a fazêlo pessoalmente), atheque com meu aviso, e recado ao Cardeal elle veio de Alcobaça a Lixboa, onde tomou entrega do governo, e depois foi levantado por Rey, certificandosse primeiro a morte delRey D. Sebastião na batalha.

Tres cousas muito importantes se me offercem neste papel, em que já pudéra ter fallado, se me não levárão depoz de sy as outras, que tenho dito primeiro; duas dellas são o grande e espantoso acontecimento da polvora, em cuja ruina minha molher ficou enterrada, e o fundamento deste meu mosteiro, ambas em que mereci grandes misericordias de nosso Senhor, de que não trato aqui, porque dellas tenho feito hum papel largo, que se achará com o meu testamento; e ali fallo tambem na romaria de nossa Senhora de Guadalupe, que *ElRey D. Sebastião fez naquelle tempo, onde forão as suas vistas com ElRey D. Pbelippe, seu tio*, por que naquelle sancto caminho tive aviso deste caso, e fui uma das dezaseis, ou dezasette pessoas, que ElRey levou consigo, pera responder a outras tantas do Rol delRey seu tio. E a terceira cousa, que não estimo menos, que estas duas, he a criação, que Deos quiz, que fizesse no Secretario Lopo Soares, que deu principio a elle mostrar o seu bom nascimento, e boa natureza, e as suas muitas partes conhecidas de todos, postoque eu tenho rezão de as conhecer melhor que ninguem, sem fazer nenhuma offensa a nenhum en-

tendimento, nem ser avido por afeiçoado de lhe
 chamar filho; e com razão, porque delle me devo
 mais honrar, que de um filho gerado, avendo sido
 esta obra de eleição voluntaria, e a outra quando fos-
 se, era de obrigação forçada; e diziam, não me
 lembra agora quem, e cuido que era o Conde da Ida-
 nha, que tres couzas podia estimar muito o meu
 mosteiro feito com a minha pobreza, sendo empreza
 de Reys, *ser respeitado del Rey D. Sebastião com a sua*
colera, postoque lhe não pode ninguem negar condi-
 ção e partes de grande Rey, e terme sahido da forja
 e da lima uma peça tão perfeita, como o Secretario,
 o qual em vida de dous Secretarios, como forão o
 Conde da Idanha, e eu, nos succedeu no cargo; e
 antes de ter este nome, o chamavão os Reys D. Se-
 bastião e D. Henrique aos Conselhos, e se servião delle
 quam particularmente podia ser, sendo elle prezente
 algumás vezes em minhas auzencias, quando SS. AA.
 escrevião de sua mão; e do tempo que fui Secretario
 me fica ainda por dizer, que dando El Rey D. Se-
 bastião o nome de escrivão da puridade a *Martim Gon-*
çalvez da Camara (*irmão do Padre Luiz Gonçalves, seu*
mestre, por quem El Rey então se governava em tudo, sendo
 elle antes disto Deputado da meza da Consciencia),
 pera com este nome prezidir na do Dezembargo do
 paço, que he uma das superioridades deste cargo, e
 tambem na meza da Consciencia, em que já servia,
 estive eu pera largar o de Secretario; porque aindaque
 os Secretarios Antonio Carneiro e seus filhos Francisco
 Carneiro, e o Conde da Idanha tiverão em seus tem-
 pos escrivoens da puridade (que forão o Conde de Li-
 nhares D. Antonio de Noronha, e o Bispo de Vizeu
 D. Miguel da Silva, que morreu Cardeal em Roma),
 não me declarou El Rey, quando succedi ao Conde
 da Idanha, que havia de haver escrivão da puridade;
 antes estava já este officio extincto por uma patenté

de pergaminho, que se achará nos meus papeis; mas o Cardeal e D. Martinho Pereira, em que já fallo atraz, me quietarão, e que Martim Gonçalvez não teria o inteiro uzo do officio nas couzas do estado; e assim foi, que nem carta, nem provizão deste officio teve, e eu tomei sempre as omenagens, e tinha o sello da puridade, nem elle poz nunca vista nos papeis da Secretaria, sendo todas estas couzas do officio de escrivão da puridade, como as eu faço nelle; mas soube elle dellas até um certo tempo pelo lugar, que lhe dava a sua muita valia, e a mayor do mestre seu irmão, e entendia particularmente nas da justiça, e outras com mais jurisdicção, do que nellas ninguem nunca teve, e com rezão por sua muita inteireza e dezinteressado procedimento, que se prova bem com não medrar nada pera sy.

Depois del Rey D. Henrique ser levantado por Rey, nem do nome deste cargo uzou Martim Gonçalvez, como o não podia ter, e muito tempo havia já, que elle não entendia em nada, nem no officio de Veador da fazenda, que ultimamente serviu, mas por ser vivo quem tivera este nome, de quem eu era amigo, não pedi o mesmo nome a El Rey, fazendo disso honra e confiança, sendo eu então o primeiro homem no credito e aceitação com El Rey D. Henrique, satisfazendome de em effeito fazer sempre o mesmo officio e muito melhor então, que na opinião das gentes, com que ás vezes se tem mais conta, que com a essencia das cousas, estava o que nisto me convinha, no predicamento, que por minha parte se pudera querer, por ser do Conselho do estado, que se adjectiva mais com escrivão da puridade, que com Secretario, e novidade então naquillo pudera enfraquecer o bom conceito, que eu devia pertender, que ouvesse do passado até então: E tambem viveu El Rey D. Henrique tão pouco, e teve tantos e tão continuos trabalhos no seu

Reynado, que me dizia, que a sua Coroa era de espinhos, e assim tratava eu somente de ser o Cerinense, que lhe ajudava a levar a cruz, e não tive com elle nenhum requerimento proprio, não deixando porem de ser muito util a meus amigos benemeritos, pelos quais procurei o que me pareceu, que era rezão; e pudera no particular disto dizer muito, e cheguei a porfiar tanto com ElRey sobre um delles, que parecendo a ElRey, que excedia eu o modo, e respondendolhe eu, que o não entendia assim, mas que o remedio do meu erro estava no seu preceito, não o quiz, por que não deixa de ser grande louvor seu; e porem me disse, que eu estava tão enganado naquillo, como um homem muito namorado e perdido por huma molher muito fea; e querendo fazer uma demonstração grande com hum amigo meu, me chamou primeiro, e perante o seu confessor me fez mercê de me dar rezão, por onde em sua consciencia não podia aquillo deixar de ser; e ja que fallo em amigos, digo, que nunca puz os olhos no que elles não farião por mim, de que tinha experiencia no pouco, que a alguns vi fazer, mormente se erão mortos, ou ausentes; mas procedi sempre como muito obrigado, e como se o devera por justiça, e assim trez dias antes do falecimento d'ElRey (estando S. A. virado pera a parede de sua cama, e eu ali metido, pera me poder ouvir, porque de outra maneira era necessario fallarlhe alto, e por isso quando estava em Conselho, me mandava chegar muito a cadeira á cama, pera lhe referir o que dizião os que estavão mais afastados), lhe fallei em deixar feitos Condes Francisco de Saa, seu Camareiro mor, e a D. João Marcarenhas, seu mordomo mor, o que ElRey ouve por bem, e apoz isto me mandou dizer por D. Leão Henriques, seu confessor (que comigo fora presente ao que asima digo), que folgaria de saber, o que queria delle, porque a ninguem folgaria mais de fazer honra e mercê, que a mim, ou como a

mim; e tinha S. A. rezão nesta pergunta, e nestes desejos, porque eu fui só o homem, em que ficou a fee de seu serviço no tempo, em que elle cuidou, que se esquecerão da obrigação d'elle os que muito lho devião; e eu era tambem o homem, em que mais El-Rey se pudera contentar de mostrar a sua grandeza, vendosse Rey, e avendome por sua feitura; mas como meu fundamento era recolherme, tanto que Deos o levasse, não havia pera que pertendesse mais, que enterrarme no meu canto, que era o meu mosteiro; nem tambem tinha por cizo pejar-me com arreios, que não havia de assoalhar, nem penhorarme com o mundo em couzas, de que lhe pagasse foro, sem lograr a propriedade; e nesta conformidade o mandei dizer a S. A. pelo mesmo seu confessor, e fallando nós ambos muitos dias depois sobre estas materias e outras, elle mesmo me deu por escrito, o que nellas passou; e com elle depois do falecimento del Rey vi os seus papeis particulares, que sua alteza com suas doenças e trabalhos não pode fazer, e queimamos os que pareceu, e a deligencia foi bem necessaria pelo que aly achei, em que não he necessario dizerse aqui mais, a qual fiz, tanto que nosso Senhor o levou pera sy, com que me detive na Corte trez dias, e me fui logo fora della, passando pelo inconveniente de ter minha molher muito doente e mal, e por El Rey ter sabido esta determinação minha de muitos dias, nem no officio de seu testamento me occupou, nomeando nelle quatro pessoas, nenhum na accitação deante de mim, e porisso tambem não havia pera que ficasse nomeado nos sinco Governadores, em que S. A., praticando comigo somente, se rezolveu dos apontados nas pautas dos trez estados, onde eu estava bem fora de ter nenhuma intelligencia, que podia ser sem culpa propria.

Com esta demonstração tão publica de eu deixar naquella conjunção a Corte, e os negocios della, quan-

do muitos pertendião vender o que pera alguns não prestavaõ, viu o mundo quam desapegado eu estava delle, e sendome louvada esta rezolução por obra de entendimento, dizia eu ao Conde da Idanha (que aly me veio ver, e muito a sublimava), que mais era ella de dezinteressado, porque o homem tanto tinha de mor entendimento, quanto tinha de menos interesse. *E aindaque se podião queixar de mim os ministros, que Sua Magestade então tinba na Corte del Rey seu tio, pois com me eu ir della, deixava de continuar com o que té então fizera por mandado de seu tio, que me tinba commettidos os concertos, que se tratavão em sua vida entre elle e sua Magestade (elegendo-me pera isso, e louvandome votar-lhe, quando me perguntou por a quem me parecia que nomearia), sobre que praticamos, o Duque de Usuna, o Conde de Castel-Rodrigo, e eu, com commissoes largas e bastantes de ambos os Reys: a desculpa disto he, que antevi o estado das couzas, e o futuro nellas, e o humor dos homens, e que a minha estada na Corte seria afrontosa pera mim, sem nenhum effeito e infrutuosa pera os negocios; e assim aconteceu, como o pronostiquei, e se de outra maneira o entendera, eu me deixara por beneficio de minha patria ficar em qualquer figura, que não pudera deixar de ser muito boa, inda que arriscasse parte da honra, que nas outras tinha representado.*

Levantou-se D. Antonio, e inda que escapei da impetuosa revolução daquelles tempos, não recebendo maos tratamentos notaveis, por especial mercê de Deos, todavia os descommodos e sobresaltos de cada hora, em que se elles esperavão, forão terribes; nos quais me valeu em tudo entregar nas mãos de N. Senhora de Nazareth, onde me então achei, a alma, honra e vida, no modo, em que trato disto no papel, que atraz digo; e assim só a fazenda pagou por estas trez couzas (que se não podem com ella recuperar) nos gazos, que tive por duas vezes em minha caza. Acaba-

rãose estes trabalhos com S. M. acabar de tomar posse destes Reynos, e em estando em Badajos pera entrar em Elvas, me mandou chamar por sua carta em Outubro, ou Novembro de 580, e que levasse comigo o Secretario Lopo Soares, de que Sua Magestade tinha muito conhecimento do tempo delRey D. Sebastião e ElRey D. Henrique, e dos dous governos, nos quais quatro tempos ja fazia quazi o mesmo, que agora faço, sendo muito mancebo.

Fui a tempo que achei Sua Magestade ja em Elves em Dezembro daquelle anno, onde lhe beijei a mão, entrando comigo Lopo Soares; e como o meu intento era apozentarme, couza ja dezejada, e procurada dos tempos atraz (de que tambem trato no papel, que acuzo asima), cuidei que em breves dias me tornasse pera minha caza, e assim o pedi a S. M., no que *bouve muitas demandas e repostas*; e em conclusão fiquei servindo S. M., como era rezão que o fizesse, sem eu admittir falar-me em mercê, postoque ja então se entendia, que eu podia pertender despacho em minha caza, pois tinha procedido de modo no serviço de S. M., que me *promettia o Conde de Castel-Rodrigo Reliquias de S. Lourenço pera o meu mosteiro, e eu o dizia a ElRey*; e mostrou S. M. tanta vontade de se servir de mim, e que fosse com commodidade minha, que ouve então por bem, que este meu serviço fosse de tempo lemitado de até 4 mezes, em que esperava que se acabassem as Cortes dos trez Estados do Reino, que logo convocou pera os trez autos, que se nellas avião de fazer, juntamente um apoz outro, que são os que andão impressos: e teve S. M. tanto contentamento de como o servi nelles, que nos mesmos autos me deu publicamente os agradecimentos, fazendo eu nelles o officio de escrivão de puridade, como o tinha feito em outras duas Cortes dos tempos passados; nas ultimas delRey D. Henrique *que fiz por ordem sua alguns serviços a S. M., que ElRey*

so comigo communicava , sem mais respeito que o de minha devida obrigação , que sempre, louvores a Deos, teve comigo o primeiro lugar em todo. Acabadas as Cortes e os trez autos dellas, lembrei a S. M. a lemitação dos 4 mezes, pondo sempre o rosto na minha pertençaõ antiga, e indosse passando o tempo de dia em dia, cheguei até um anno inteiro, que havia que servia S. M., e naquelle dia, que foi da Conceipção de N. Senhora no anno de 81, lhe fiz um escripto, pedindolhe licença pera me recolher, como quem tinha feito profissão de anno e dia em seu serviço; o que S. M. não approvou, antes me significou mui grande descontentamento do modo que nisto tive, em que me achei enganado, no que presuppuz, quando fiz a proposta; e andando o tempo, me ouve inda por mais culpado, com que entendi, que pera descargo deste meu descuido no modo, devia buscar o remedio na couza, não deixando o serviço de S. M., mas empregandome de novo nelle; e assi o fiz atheque declarou a sua ida pera Castella, com que me ouve outra vez por desobrigado de proseguir, o que então tinha feito, entendendo tambem o trabalho e perigo de servir os Reys em sua auzencia, rezão que dandolhe as minhas, acrescentei a ellas, quando as aponteí a S. M., sobre que se passarão muitas couzas, e de sua parte o Conde de Castel-Rodrigo me veio fallar nisto aqui a Sacavem, e entendi, que S. M. receberia muito desprazer, se o eu não servisse, ou indo com elle, ou ficando no Reyno, e assi cativando outra vez o entendimento, entreguei tambem a pobre pessoa, e fiquei servindo a S. M. neste Reino em lugar de hum dos trez, como elle chamava os que nomeou ao Senhor Cardeal Archiduque seu sobrinho (de quem sempre recebi muitas honras e mercês), para com elles, que erão o Arcebispo de Lixboa D. Jorge dalmeida, o Conde da Idanha, e eu, tratar todas as materias do Governo, como lhe deixou por regimento

antes da partida de S. M., algum tempo me mandou passar patente do officio de escrivão da paridade na forma em que a teve o Bispo de Vizeu D. Miguel da Silva, ultimo possuidor por carta, e não tive então cumprimento com Martim Gonçalves, por ser cerimonia escuzada em couza, que tinha passado por trez Reys, e sendo eu o com que se devera ter cumprimento, se o officio se dera a outrem, do qual porventura não pretendia esta formalidade da carta, senão concorrerão duas couzas, ficar eu de novo por mais tempo nesta occupação, e aver trez Secretarios de estado desta coroa, dous no Reyno, e hum em Madrid, que posto me reconhecessem superioridade, convinha que lhes fosse mais notoria.

Partiuse S. M. pera Castella em Fevereiro de 83; e quando lhe beijei a mão á despedida, lhe disse, que se S. M. não tornasse logo a estes seus Reynos, que desentão lhe pedia licença pera lhe ir beijar a mão a Madrid; e assi o fiz em Novembro de 88, tornando primeiro a reformar a licença, que lhe tinha pedido, não me levando a Castella, senão puramente seu serviço, e o desejo de o ver, nem era conveniente, que hum homem ja tão velho e tão enfermo, como eu, e com natureza tão afastada de negocios proprios, fizesse por respeito delles huma jornada tão comprida e trabalhosa. Fui, e tornei dentro em dous mezes de dia a dia, como o eu disse primeiro que partisse com tanta segurança, como se tivera toda certeza disso na mão. Gastei na jornada mais de quatro mil ~~ff.~~^{os} *, em que não ouve sobegidoens, porque inda não fui como o Conde da Idanha o entendia; fui recebido, e tratado de S. M. com todas demonstraçoens de honra e favor, que eu podia dezejar, ou pera quem pera mim, ou pera sy as quizesse inda mais, que eu, que esti-

* Este he o signal da quantia, que se acha no antigo manuscrito,

mei mais que todos os despachos do mundo, indaque os pertendera, porque sempre tratei mais da flor e orvalho das couzas, que dellas mesmas, por maiores e mais cobiçozas que fossem; e disto se achará a demonstração em um papel meu pera S. M., feito em Madrid, e reposta de S. M. nelle: e S. M. me communicou, quando la estive, algumas materias de *grande importancia, segredo e serviço seu*, das quais entendi, que podia tambem ser a cauza da licença, que me deu pera esta jornada, indaque ca no Reyno me houvesse por necessario no mesmo seu serviço; e ouve S. M., que o era entender se de mim se queria tratar de requerimentos propios, materia com que dantes, e depois fui tentado por algumas vezes, sem me persuadir nunca a dever de apontar nada em particular; e assi sou hoje só' o homem dos maiores, e dos menores, indo em quatorze annos que sirvo a S. M. com muita continuação, descommodo e despeza, que não somente não lhe fez petição propria, mas nem acudiu aos remoqueos disso, intercedendo nas de muitos; e quanto mais me fui dissuadindo disto, tanto mais me cresceu o dezejo de servir, indosse purgando em mim o humor da natureza propria *no aborrecimento da vida, que professei, que não deixava de ser culpa, de qualquer maneira que fosse*, e muito maior, porque a vendia por louvor, que com isso pertendia adquirir do mundo; e quando depois tornei sobre mim, e entendi que quanto menos carregado estava com mercês (que eu não deixava de ter, senão porque as não pedia), mais aliviado me devia achar, pera servir de melhor vontade, fazendo della suave sacrificio a Deos, e a S. M., e á minha patria.

Depois da vinda de Castella succedeu logo a dos Inglezes a Lixboa, onde me achei com o Senhor Cardal; mas não devo alegar isto por serviço, pois era obrigação, como nunca fallei em cumprir inteira-

mente com ella no tempo das alteraçoes , nem nos sacos de então e depois , porque em tudo isto , e em outras muitas couzas , que não digo , me enfeitava pera mim , mas em tudo posso fallar nos esmaltes desta dos Inglezes , que foi sofrer a tormenta de não acudir mais cedo ao meu mosteiro , estando tão arriscado duas legoas de Lixboa com os Inglezes a legoa delle , quando passarão por Loures , por se não despejarem outros ante tempo , nem se descomporem os homens , que tinham postos os olhos no que eu fizesse : vim huma noite ao meu mosteiro , mandandome o Cardeal , no qual embarquei as filhas freiras pera a banda dalem , e minha mulher com ellas , e a Senhora D. Luiza com suas filhas , tudo cazas de que minha honra tinha tomado pleito , e omenagem a si mesma , e me despedi de todas ellas no mar pela menham bem cedo , navegando aquelles barcos mal compostos , e com ruim maré pera Alcochete , e eu pera Lixboa com tão triste despedida , e com tão grande cuidado , como foi o que se então tinha , de poder muito de preça acontecer não me ver mais com aquella companhia , que me levava apoz si os olhos e o coração , e inda que a obrigação de honra pedia acudir á Cidade logo , não deixava de ser tambem honroza obrigação tratar do dezemparo , e soccorro de tantas filhas espozas de Christo , e daquellas Senhoras tambem filhas , e da mulher , por quem Deos manda que se deixem outras obrigações , e com huma e outra couza se devera ter conta ; mas não se puderão igualar estas balanças tanto que não se inclinasse mais o que levava além do seu pezo ordinario algumas arrobas de ———— desconfiança propria.

Devia ser este sacrificio aceito a Deos pelo bom fim , que tudo teve , tornando toda aquella companhia (que fui buscar a Evora) pera Sacavem , aonde entrou dia da Vizitação , em que recebi grandes mizericor-

dias do Senhor, e huma tão particular quazi milagrosa, e de mim tão estimada, que nem a ingratição gerada do tempo, que tudo consome, poderá diminuir o conhecimento, que della tenho; succedeo depois no anno passado de 93 mandar S. M. chamar o Cardeal a Castella, e nomear Governadores Portuguezes neste Reyno, conforme as promessas, e quiz que fosse eu hum delles, a que repliquei a S. M., presentandolhe minhas rezões, pedindolhe de tal maneira, que me conhecesse dellas, que tambem entendesse que não tinha vontade, senão a sua, a qual me mostrou em repostada sua mão, larga e honroza, que está nos meus papeis; e vendo isto, de que me tinha penhorado no meu interior, como fica dito atraz, e a obrigação da patria, pera não me escuzar de ser juiz na minha patria, me ofreci a este novo e honroso trabalho apoz tantos outros, e ter gastado a vida nelles, e nisso vou continuando athegora, que somos em Junho de 94, com grandes incommodidades de mizerias e doenças, e outras vendo, e tocando a assistencia de Deos, e se eu acabasse de entender, que elle se ha por servido disto, que faço, não poderei querer dezejar, nem pertender outra nenhuma couza, e assi lhe peço, que elle disponha de mim de maneira, que da minha insufficiencia, da minha fraqueza, e do meu menos que nada, faça instrumento util pera alguma couza de seu louvor e gloria, pera que a alcancemos por sua infinita mizericordia pera fim dos dias deste desterro.

O que digo neste papel, inda que bastará pera quem o ler, ser eu o que faço a narração, bem poderão meus testamenteiros confrontar estas couzas com o que acharão dellas escripto em papeis entre os meus, o que agora não faço, por não ter tempo pera isso; mas cuido, que sou bem lembrado de tudo o que aqui aponto.

As mercês, que os Reys e Príncipes, a que servi em oito ou nove governos, me fizeram, se verão também por meus papéis, e posso affirmar por muito louvor seu, e algum meu, sendo elle na verdade todo de Deos, que lhas não pedi, nem sei o que hoje tenho de renda, e somente pedi a ElRey Dom Sebastião, que Deos tem, as ordinarias do mosteiro da Madre de Deos pera este meu, que então punha a primeira pedra, que me S. A. concedeu logo pera tanto que nelle ouvesse freiras de muito boa vontade, e em sustancia de huma renda de juro fora da Ley mental, porque estas esmolas ainda feitas com menos formalidade, do que o meu mosteiro as tem, tanto que os Reys as começam a dar, logo ficão perpetuas pela virtude e grandeza delles, e necessidade dos mosteiros da primeira regra, que não tem renda, e se sustentão de esmolas, e pela verdade, que devo fallar, e cuidô que sempre fallei nas couzas, em que se ella ha de uzar, que nunca quiz somar a minha renda, e huma ou duas vezes que o começava a fazer, o deixei; e não recebi nenhuma das muitas couzas havidas por percalços do officio de Secretario, em quanto o tive (que se dellas ouvera de fazer conta, puderão montar huma grande quantidade convertidas em dinheiro), achando o costume e posse de meus antecessores em contrario; sendo os meus proximos o Secretario Antonio Carneiro, e o Conde da Idanha seu filho, que me dizia, *que quando seu pay cazava as filhas, lhes dava baixellas com as armas de todo Portugal*, e nisto, como em tudo, era Antonio Carneiro muito honrado e grato, que não queria tirar da memoria, cujas aquellas peças forão, pois lhes deixava sempre os sinais dos donos, que ellas tiverão.

Sempre amei tanto a pobreza ou por desmazelado, ou por vão, que me havia por mais rico no exercicio della, como inda hoje por misericordia de

nosso Senhor o faço no comer, no trage, e em tudo, havendo por mal empregado em minha pessoa o que dezejo, e pertendo pera outros; e não posso attribuir isto á virtude (que eu sei muito bem, que não he sem converter em humildade esta confissão), senão a huma natureza descuidada, e principalmente á benção de S. Francisco, pera em algum modo poder fallar na sancta pobreza a suas filhas, como ellas sabem, que o eu sempre fiz.

Huma mercê mui grande me fez sempre nosso Senhor entre outras muitas, que nunca me meteu em trabalho, de que não sahisse bem com huma medida tão certa, que nella mostrava, que por hum tamanino mais, que na mesma medida se acrescentara, me perdera de todo, e vira o mundo como se enganava na boa opinião de mim, e que eu tambem era enganado, no que de mim cuidava.

Mais ainda nas mizericordias de Deos pera mim, que assi me soccorreu quazi sempre com ellas, que dezencaminhando do que devo, logo immediatamente succede apoz aquillo couza, em que veja que me desviei da estrada, a que não posso chamar castigo, se não mercê mimoza, por quam suaves se devem ter as penas desta vida em comparação das que elle, por quem he, nos livre na outra; e assim tudo são grandissimas mizericordias suas, dignas de eternos louvores; feito em Sacavem no mosteiro, Vespora de S. Pedro e S. Paulo á tarde 28 de Junho de 1594.

Sendo este papel, quando se escreveu da primeira mão, feito em uma tarde, e concorrendo na mesma conjunção outras occupações, que tiravão da memoria o que se hia ditando em couzas, que se podião então mal ter todas nella, algumas devein esquecer, e outras se deixão tambem de dizer, porque isto he sómente huma recopilação dos beneficios recebidos de nosso-Senhor, e delles se infirirem outros pera se

reformat com tudo junto dentro no homem interior o fazimento das devidas graças. Lembravame agora mais, que no lugar e aceitação, que tive com os Reys, a que servi, não entrou de minha parte nenhum cabedal de grangearia, antes o meu procedimento neste particular foi muito ao contrario do que se costumava, por onde a obra foi toda de Deos, e ainda nisto ha outra obra toda tambem de Deos, que se pode dizer, que mais fui respeitado dos Reys, que valido delles, e que a valia nunca passou daquelles limites, que podia digerir o meu fraco estamago (que foi outra mizericordia), porque se nelle entrara mais do que aly naquelle pequeno vaso cabia, eu o vomitara, com que quando menos ficara desairozo, dandome o ar da vaidade (que ás vezes se não mostra menos nõ que se deixa, que no que se toma), ou me afora a mesma valia, que fora ainda peior.

Março 1599.

Torno a este papel agora em Março de 1599, indo em sinco annos, que fiz o que fica escrito atraz, e digo que em Março de 96 me pareceu escrever a ElRey, que Deos tem, huma carta, que pela brevidade della se copiará, e tambem a resposta, neste papel abaixo, posto que no meu se achará a propria, e diz assim:

SENHOR.

Bastão 15 annos acabados e perfeitos, passando de 57 de idade com dezinteressado procedimento de toda a vida, pela V. M. crer, que lhe não fallo em mim, se não, que lhe falla hum homem, como eu, em outro homem, como eu, empregado todo no puro serviço de V. M., cuja Catholica pessoa nosso Senhor guarde; de Lixboa a 9 de Março de 1596.

Resposta (traduzida literalmente do Hespanhol.)

« Quem tem empregado os annos, que aqui dizeis, tão bem, como eu o tenho entendido, não ha mister homem, que falle por elle; e assim se terá cuidado do que vos tocar; e vós não vos canceis de fazer o que até qui, pois sabeis o que isto importa a meu serviço. »

Este Officio fiz com S. M., que Deos tem, mais por me desculpar depois da morte dos que me notassem por descuidado, que por achar mudada em mim a natureza de sempre dezinteressado: e depois disto me mandou S. M. communicar pelo Marquez, que agora he, de Castel Rodrigo, huma mercê, que me queria fazer por principio de outras, porque por ella beijei a mão a S. M., e me pareceu não a aceitar, com que tive occasião (tomando principio em outra couza de seu gosto e serviço), a tornar a escrever a S. M. em Janeiro de 97, e não ponho aqui a copia da carta, por ella tambem tratar do que digo atraz, enviandolhe hum papel do discurso de toda a minha vida muito abreviado, sustancia deste, e com elle o papel, que atraz digo, do Confessor del Rey Dom Henrique, que Deos tem, e huma Certidão das mercês do meu titulo, e tudo isto metido em hum maço com o sobescripto pera S. M. em sua mão, que de minha parte deu o Marquez de Castel Rodrigo; e foi isto em tempo, que S. M. começava a ter o impedimento da mão direita, por onde me não pôde responder de sua mão (como sempre me fez mercê de o fazer a todas as minhas cartas), e ficou tudo em seu poder, até que nosso Senhor o levou pera si; e neste meio tempo entendi, que por ventura me fizera huma mercê grande e honroza, se não tivera o inconveniente, que se não podia tirar.

Depois que entendi , que S. M. deixava de me responder á minha carta , por não ter mão pera isso , procurei de cobrar os meus papeis , sobre que algumas vezes escrevi ao Marquez , e elle os não pode nunca haver , por estarem em mão de S. M. , e não lhe dever então de fallar nisso ; e porque nem depois de seu falecimento se acharão , tendo eu entendido do Marquez , que S. M. os tornára a recolher (porque elle me escreveu naquelle tempo gabos do que nelles vira) , lhe pedi , que em restituição delles me desse hum seu , em que reformando a memoria , referisse a sustancia do que delles lhe lembrasse , e assim o fez , e tenho este papel escripto de sua mão , e assinado por elle , que fez com trabalho pela sua enfermidade dos olhos , mas a calidade do papel , e a obrigação da nossa amizade o pedia , o qual postoque se achará nos meus , me pareceu copiarse neste ; e diz o seguinte.

[Text mirrored from the reverse side of the page, appearing upside down and partially obscured by a dark mark.]

[Text mirrored from the reverse side of the page, appearing upside down.]

POLITICA.

Reflexões sobre as principaes vantagens, que se bão de seguir de uma Constituição analogã aos nossos usos e costumes, e formada segundo nossos antigos foros e liberdades.

A Constituição, que nós esperamos dos nossos Representantes, será o livro da Lei fundamental da Monarchia, que firmará para sempre uma racionavel, e bem entendida Liberdade civil e politica. Ella será o laço de União entre o Governo, e todos os Cidadãos do Estado; bem como o Padrão indelevel dos imprescritiveis foros e liberdades da Nação Portugueza: e fazendo reviver os Direitos e Deveres reciprocos, conseguirá, que todos marchem com firmeza a um ponto essencial, qual he o bem commum, combinado da melhor maneira com os interesses particulares. Eis aqui a grande Obra, que vai ser discutida pelo presente Congresso, e para a qual todos os Sabios na Nação deverião concorrer com as suas luzes, conselhos e experiencia; a fim de que a grande Empreza, bem como seus Auctores, se tornem dignos das benções de toda a posteridade.

Esta Representação Nacional era em as nossas circumstancias tão necessaria para a conservação e prosperidade da nossa amada Patria, como a saude para o livre movimento e segurança do corpo humano.

Os Gregos tendo investigado profundamente, qual seria o ponto essencia, e ao mesmo tempo compativel com o interesse do homem em sociedade, para

que este gozar podesse do livre exercicio das diversas faculdades, que acompanhão sua existencia, achárão: que a idea mais exacta consistia em comparar este ente a um mundo pequeno; e que debaixo deste aspecto as suas faculdades devião ser reguladas segundo a ordem maravilhosa, que o Ente Supremo nos appresenta no brilhante espelho da natureza, para que á imitação dos seus agentes se seguissem os mesmos effeitos aprazíveis da harmonia e felicidade Social.

He por esta razão que dividido o poder de um povo pelas partes, que constituem a sua existencia, se forma o vinculo de dependencia reciproca, que no gyro equilibrado da roda da sociedade ao mesmo passo que firma os direitos de uma classe, protege e defende os da outra; prevenindo que a falta de balanço da parte do poder não lese, nem atropelle injustamente qualquer ordem, ou individuo, que tambem tem seus direitos na mesma Sociedade. O celebre Montesquieu fallando da liberdade civil e politica, diz: que esta he um penhor do Cidadão, que lhe faz sentir a sua segurança (quando este não infringe as leis do paiz): e que para elle poder gozar desta liberdade, he necessario que o Governo seja constituído de tal maneira, que um homem não tenha medo de outro.

Mas como poderia conservar-se este direito, se o Poder estivesse todo reconcentrado em uma só vontade? Ainda quando este importantissimo penhor fosse confiado ao mais virtuoso e melhor homem do mundo; como seria possível desempenhar-se um dever tão sagrado, e da maior complicação, sem que o Imperante estivesse exposto a cada momento aos ataques da adulação, e do interesse particular dos individuos, que o rodeassem? Pertender duvidar desta verdade, seria desconhecer a força das paixões humanas; e querer formar do coração do homem uma idea, que só convem á perfeição angélica: quimera forjada pela

Poesia, mas que a triste experiencia tem sempre combatido ainda naquelles benemeritos Varões, que deixarão seus nomes gravados em letras d'ouro na memoria dos seus vindouros.

Para evitar pois excessos desorganizadores da Ordem, a Sociedade inteira elege os seus Representantes de entre aquelles de seus Compatriotas, que merecem a opinião publica, já pelas suas virtudes e talentos, já pela reconhecida probidade e amor da Patria. Estes Varões conspicuos, representando o Direito dos seus Constituintes, farão a Lei fundamental do Estado com caracteres, que não possam já mais ser apagados. Os seus regulamentos nascerão sem duvida de mui maduras considerações, quaes as requer negocio de tanta ponderação, para haver de ficar estavel e permanente.

Desta sorte não se multiplicará o numero dos infelices, antes pelo contrario se ha de attender á prosperidade de todos os filhos do Estado. Então a Augusta Pessoa d'elRey terá seu Throno defendido pelos braços e amor de todos os seus filhos; e a Nação se tornará um Baluarte inexpugnável, porisso que todos hão de sentir então a necessidade de pugnar, ainda a custo da vida, pelos proprios direitos, ligados á conservação de um Governo, que tem por unico objecto o bem publico. E que maior satisfação poderá ter um Rey virtuoso, Christão, e amante dos seus Vassallos, do que ver esta grande familia, sobre a qual a Providencia o tem constituido Pai e Protector, governada por Leis da Razão e da Justiça? de ser Elle mesmo o Chefe de um Povo, que o adora, e que olha para Sua Augusta Pessoa, como para um Deputado da Divindade? Nós assim o confiamos dos illustres sentimentos do Senhor D. JOÃO VI., cuja Religião e Moral se tem distinguido nas crises mais arriscadas por exemplos de amor e de virtude.

(Continuar-se-há.)

RESUMO DAS NOTICIAS PRINCIPAES.

INGLATERRA.

Londres 27 de Novembro.

O Importante e extraordinario Processo de S. M. a Rainha da Grãa-Bretanha foi finalmente abandonado pela Camera dos Pares debaixo da costumada clausula *de ficar para ser lido novamente d'alli a seis mezes.* Esta perseguida Senhora já por tres vezes tem sido a victima da mais negra intriga, e por outras tantas foi a sua reputação exposta a públicas investigações; mas em fim triunfou das occultas maquinações de seus entranháveis inimigos. He inexplicavel o contentamento geral de toda a Nação, a qual por todos os modos possiveis patenteou sentimentos respeitosos para com S. M., já por meio dos cumprimentos, que lhe forão feitos em nome das diversas Corporações, e já com todas as expressões de um verdadeiro jubilo, e illuminações geraes, com que celebrou seu regozijo. Tanto se manifestou a opinião pública a favor desta augusta Soberana, que chegou o Povo a deixar de ir ás Igrejas, só porque nas Ladainhas se não davão as Orações relativas á conservação de S. M. Espera-se agora que na primeira Sessão do Parlamento se haja de tractar dos arranjos pertencentes ao Paço e Corte, devida a tão illustre Personagem.

Este acontecimento, por ventura unico nos Annaes das Nações civilisadas, he a prova mais authen-

tica do poder, que tem a Razão e o Direito, quando está fundado em uma Constituição sabia; assim como atesta a energica força da opinião pública na sagrada Balança de uma Magistratura incorruptivel. As fallas, com que os Advogados da Rainha illustrarão este famoso Processo, são os monumentos mais preciosos, que se podem encontrar de uma valente liberdade, decidida a fazer triunfar a verdade e a justiça a travez das mais escabrosas difficulades.

A Esquadra, que está actualmente surta na Bahia de Napoles, vai ser reforçada: ignora-se, que medidas tomará o nosso Governo em consequencia do Congresso de Tropeau: porém he de presumir, que a reunião de forças navaes em um Porto, que está em relação amigavel com S. M. B., não poderá ter por fim hostilidades contra uma Nação, que á imitação da nossa, dezeja segurar o seu Direito por meio d'uma Constituição, já estabelecida e auctorisada por outros Reinos da Europa.

F R A N Ç A.

Pariz 20 de Novembro.

O Baptismo do Duque de Bordeaux será solemnizado no dia 4 de Dezembro. As Eleições continuão sem interrupção.

A L E M A N H A.

Vienna 6 de Novembro.

Continuão a marchar tropas para a Italia, e um grande reforço de Artilharia foi reunir-se ao Quartel General de Treviso. A Toscana será occupada por uma Divisão de 1600 homens. Desconfia-se, que nos esta-

tãos de S. M. I. na Italia se descobrio um grande partido contra o presente Governo. Por ora o nosso exercito diz-se de observação ; porém não podemos duvidar, que se dirige para Napoles, onde provavelmente romperão as hostilidades.

H E S P A N H A.

Madrid 5 de Dezembro.

S. M. tem dado a prova mais sincera na sua resposta ás representações, que lhe fizeram as Côrtes. Nesta resposta reitêra a sua promessa e juramento de se não apartar por um só instante da marcha Constitucional : e está tão decidido a sustental-a, que declarou estar na resolução de afastar de seu lado todos aquelles, que havendo tido por bons, depois reconhecer, que de baixo do nome de Leaes, são inimigos do systema actual.

P O R T U G A L.

Lisboa 17 de Dezembro.

No mesmo tempo que a Nação estava occupada na escolha a mais importante para a sua Representação, recebeu com o mais vivo enthusiasmo um novo penhor dos nobres e paternaes Sentimentos, que illustrarão sempre o melhor dos Monarchas. Apenas este Augusto Soberano recebeu as primeiras noticias das medidas, que se tinhão tomado no Porto, para se effectuar uma reforma radical dos abusos, que a relaxação tinha introduzido em consequencia da ausencia fatal de S. M. F., a saudosa lembrança destes filhos opprimidos he o primeiro objecto de Seu Real Animo ; querendo que se tranquillise o espirito da Na-

INDICE

Das Artigos, que contém este Numero I.

12	INTRODUÇÃO
2	CONSIDERAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO
9	AGRICULTURA
10	REFLEXOS SOBRE A ORIGEM E PROGRESSOS DO COMMERCIO NA EUROPA
15	DOCUMENTO PARA A HISTORIA PORTUGUEZA. <i>Dissertação de Antão Augusto de Almeida e Sousa, inscripta por elle mesmo.</i>
20	POLITICA. <i>Relatório sobre os principaes costumes que se dão de seguir de uma Constituição analogá aos usos e costumes, e fôrmas segundas a essas constituições e fôrmas.</i>
20	RESUMO DAS NOTICIAS PRINCIPAES
20	INGLATERRA
60	FRANÇA
ib.	ALBANIA
61	ESPAHA
ib.	PORTUGAL

INDICE

Dos Artigos , que contém este Numero I.

	Pag.
INTRODUÇÃO	1
CONSIDERAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO. . .	5
AGRICULTURA.	9
REFLEXÕES SOBRE A ORIGEM E PROGRES- SOS DO COMMERCIO NA EUROPA. . .	16
DOCUMENTO PARA A HISTORIA PORTU- GUEZA. <i>Discurso da vida e serviços de Miguel de Moura , escripta por elle mesmo.</i>	23
POLITICA. <i>Reflexões sobre as principaes vantagens , que se hão de seguir de uma Constituição analogo aos nos- sos usos e costumes , e formada segundo nossos antigos foros e liberdades.</i>	56
RESUMO DAS NOTICIAS PRINCIPAES.	
INGLATERRA.	59
FRANÇA.	60
ALEMANHA.	ib.
HESPAÑHA.	61
PORTUGAL.	ib.

DÉSPERTADOR NACIONAL,
O U
JORNAL DE EDUCAÇÃO,
AGRICULTURA, COMMERCIO E ARTES,
ETC. ETC.

N.º II. FEVEREIRO 1821.

VOLUME PRIMEIRO.



COIMBRA,
NA REAL IMPRENSA DA UNIVERSIDADE.
1821.

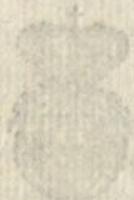
Com Licença da Comissão de Censura.

A subscrição para esta Obra pôde fazer-se em Coimbra na Loja da Real Imprensa da Universidade, e no Porto em Casa do Senhor Antonio José Vieira Rodrigues, no Largo das Freiras Beatas, N. 51 e 52, ou na Portaria da Congregação do Oratorio.

DESPACHADOR NACIONAL,
O
JORNAL DE EDUCAÇÃO,
AGRICULTURA, COMMERÇO E ARTES,
ETC. ETC.

M. DE F. FERREIRO, 1911

VOLUME PRIMEIRO.



COIMBRA,

IMPAZILLO DE UNIVERSIDADE

1871

Com a licença do Conselho de Coimbra

Impressão e venda em Coimbra na Typographia da Universidade, e no Porto na Typographia da Universidade, no Largo da Faculdade de Direito, n.º 21, no andar da casa de D. João de Sá.

DESPERTADOR NACIONAL,

O U

JORNAL DE EDUCAÇÃO, AGRICULTURA,
COMMERCIO E ARTES, ETC. ETC.

N. II. FEVEREIRO DE 1821.

*Despertaí já do somno do ócio ignavo,
Que o animo, de livre, faz escravo.*

CAM. Lus. C. IX. Est. 92.

CONSIDERAÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO,

(Continuadas de pag. 8.)

Nós começamos a ser instruidos, desde que entramos para este Mundo; assim a nossa Educação principia com a vida; e o Mestre, que primeiro nos conduz, he nossa Mãi, ou Ama. Esta primeira educação he a mais importante, e compete incontestavelmente á Mãi; a quem o Auctor da Natureza destinou já para este fim, que por isso lhe dá o leite, primeiro alimento da infancia.

Vol. I.

I



Declama-se geralmente, que a maior parte das mãis he quem deita a perder os filhos; que são ellas mesmas quem primeiramente os estraga: se isto se provar, ellas serão culpadas; menos porém certamente, do que os homens, que as tem corrompido, e depravado. A mãe naturalmente quer, que seu filho seja feliz, e que o seja desde logo, se he possível; e nisto ella tem razão: se porém se engana ácerca dos meios, com que lhe procura esta felicidade, quem será o culpado? Por qual extravagancia, em vez de vans declamações, se não tem dado a instrucção precisa a estas mãis? A ambição dos Pais, a sua avareza, a sua tyrannia, seus errados calculos, seu reprehensivel desmazêlo, sua insensibilidade brutal, são milhares de vezes mais funestas e prejudiciaes á educação, e arrumação dos filhos, do que a cega ternura e condescendencia das mãis.

Daqui se conclue, que he ás mãis, que nós devemos fallar com preferencia sobre a educação: ellas são as que observão a infancia de mais perto, e incessantemente; os homens tem outros destinos: ellas são as que vigião de continuo os meninos, e que adquirem sobre elles mais influencia: o resultado tambem, qualquer que haja de ser, as interessará mais; pois he com os filhos que uma grande parte das viúvas fica depois vivendo; e estas então recebem a recompensa dos principios e exemplos, que lhes inspirarão. Por isso merecem, que lhes fallemos com a verdade; porque, se a sua sorte he mais segura que a dos homens, os seus deveres são mais penosos, e os seus cuidados de maior importancia para a boa ordem das familias; e geralmente as mãis, se não estão degeneradas, mostrão mais amizade e affeição pelos filhos.

Desde os primeiros instantes do nosso nascimento nós somos mui diversamente modificados pelos objectos, que nos cercão, pois a nossa vida começa a ma-

nifestar-se acompanhada da sensibilidade: e quando chegamos a reflectir sobre as nossas sensações, procuramos ávidamente os objectos, que as produzirão, se estas serão agradaveis; bem como fugimos daquelles objectos, se as sensações nos desgostarão. Assim obramos segundo nos he, ou não, conveniente, ou o presumimos ser: e estas disposições ficão tanto extensas e firmes, quanto a nossa sensibilidade, e as nossas luzes fazem maior progresso. Verdade he, que muitas vezes somos constrangidos por habitos contrarios, e as nossas opiniões alterão mais, ou menos estas disposições primitivas; mas antes disto ellas constituirão a natureza; e esta se determina segundo o que lisongêa, ou desagrada.

Mas haveremos nós de referir o homem sómente a estas inclinações primitivas? E como conciliaríamos com este methodo o respeito, que elle deve ás leis, que desde já o protegem? Como olharia elle para os outros homens, com quem ha de viver? O homem natural seria todo para si, ou quando muito, para algum semelhante a elle; porém o homem civil não pôde ser esta unidade: deve ser a fracção cujo valor está em relação com a somma, que he o corpo inteiro da sociedade. Por isso as instituições sociaes, que sabem desnaturalisar mais o homem, são reputadas por melhores: porque lhe tirão o egoismo, ou existencia absoluta, e lhe fazem adquirir a relativa; a fim de que o mesmo homem se não considere só, mas uma parte do todo. O grande D. João de Castro mandava seus filhos em auxilio dos cercados de Diu; e dizia a cada um ao despedil-os com benções paternas: « Pelo que toca á vossa pessoa, não fico com cuidado, porque por cada pedra daquella fortaleza arriscarey hum filho. » Eis-aqui o Cidadão! D. Fernando de Castro, seu filho, *estava de cama, e curando-se de febres, quando lhe chegou aos ouvidos, que se*

esperava novo assalto na fortaleza ; e , fazendo força o brio á natureza , se levantou prestes e valoroso ; e posto que tractasse de lho impedir D. João Mascarenhas , como nesta parte a desobediencia parecia virtude , quiz antes errar contra a saúde , que contra a opinião ; e assim acodindo ao seu baluarte , immolou a propria vida á gloria da Patria. Eis-aqui o Militar brioso , que não vê perigos , quando marcha para o campo da Honra ! Seriamos muito extensos , se houveramos de allegar innumeraveis exemplos desta ordem , e com os quaes se tem illustrado tantos homens de todas as classes e condições ; cujos nomes viverão sempre entre nós. Por tanto aquelles , que no meio da sociedade pertendem manter a primasia de todos os sentimentos , e inclinações naturaes , não sabem o que querem : sempre em contradicção consigo mesmo , andão fluctuando incessantemente entre suas inclinações , e seus deveres ; e assim nem são homens , nem cidadãos ; e nem poderão já-mais ser uteis a si , nem bons para os outros. Destes dous aspectos oppostos e desattendidos atéqui tem resultado methodos de educações contrarias ; uma particular e domestica , outra publica e commum. A educação do mundo , tendo em vista dous fins contrarios , que são o interesse individual , e o publico , tem falhado em ambos ; e sómente ha concorrido para fazer o homem dóbre ; que affecta fazer serviços aos outros , quando só tem na mira o interesse pessoal e proprio : isto he bem sabido , e já ninguem se deixa illudir ; porém deve corrigir-se.

Destas contradicções nasce tambem aquella , que continuamente sentimos em nós mesmos. Arrastados pela natureza , e pelos homens por caminhos oppostos , achamo-nos repartidos ; e hesitamos por qual havemos de tomar : e assim vamos consumindo a vida em um combate perpetuo , sem nos sabermos decidir , nem a bem nosso , nem dos mais.

Observemos porém o que he o homem naturalmente; mas afastemos para longe dos seus olhos tudo quanto pôde por agora alterar esta natureza. Se nós tratássemos de o educar unicamente para algum Emprego determinado da sociedade, e depois acontecesse ser elle deposto, ou expulso; ou se visse precisado a largar o dito Emprego; mal ficaria o homem: esta educação não poderia aproveitar-lhe, senão em tanto que a fortuna concordasse com a vocação, que os pais lhe derão: em outro qualquer caso ella será prejudicial ao educando; quando menos, pelos prejuizos, que lhe terá dado. No Egypto, onde o filho era obrigado a abraçar o modo de vida de seu pai, tinha a educação, pelo menos, um fim seguro; mas entre nós, onde os empregos sómente são estaveis, ninguem sabe, se, ao educar um filho para um lugar destinado, fará maior mal ao rapaz.

Segundo a ordem da natureza os homens devem ser homens; esta he a sua vocação commum: e aquelle, que assim for educado, não poderá representar mal o seu papel. Embora o educando tenha de ser Advogado, Militar, Padre, ou Magistrado, por voto de seu pai, o que importa, he que elle apprenda a viver como homem, e que saiba o que o homem deve ser; porque ainda quando a adversidade o faça mudar de posto, ou de fortuna, elle saberá lançar mão daquelle modo de vida, que mais lhe convier, segundo a situação, a que foi reduzido. Assim nosso verdadeiro estudo deve ser o da condição humana: o que sabe supportar melhor os bens, e os males inherentes á vida, he o mais bem educado. Donde se segue, que a verdadeira educação consiste menos em preceitos, que em exemplos e exercicios habituaes; os quaes devemos fazer tomar ao educando.

Se os homens nascessem, e devessem acabar no seu paiz natal; se a mesma estação permanecesse

por todo o anno; se a cada um coubesse uma fortuna, da qual não pudesse ser esbulhado; se não estivessemos finalmente expostos a todos os accidentes da vida humana; então a pratica estabelecida seria a melhor a muitos respeito; e o menino não viria a ficar exposto aos inconvenientes de um modo de vida, diverso daquelle, para que tinha sido educado. Porém á vista da instabilidade das cousas humanas, á vista do espirito inquieto dos homens, que a cada geração renôva tudo; como conceber um methodo mais insensato, qual o de educar um menino, como se elle não tivera de sahir jámais do seu aposento, e houvera de estar continuamente rodeado da sua familia? Desta arte ensina-se-lhe menos a supportar o trabalho, e revezes, do que a sentil-os com maior amargura.

No que se mostra grande disvelo, he em acautelar e conservar o menino; mas isto não he bastante, se nós lhe não ensinamos tambem, o como se deverá conservar, quando for homem. Pouco valerá o tomarem-se tantas precauções, para que elle não morra; elle morrerá necessariamente: e quando a sua morte não for occasionada por todos estes disvelos e melindres, ainda assim estes são mal entendidos: trata-se menos de furtal-o á morte, do que de o ensinar a viver: e viver não he sómente respirar e sentir; he fazer cousas necessarias e uteis; he dar exercicio a nossos sentidos, e aos membros do nosso corpo; he cultivar todas as nossas faculdades, a fim de aperfeiçoarmos a nossa existencia e de a tornarmos vantajosa. Nem sempre o homem, que conta mais annos, he o que tem vivido mais; porém só aquelle, que no decurso da sua vida tem obrado mais cousas uteis. Tal se terá feito enterrar de cem annos, que morreu para a sociedade desde o berço; este teria ganhado em ir para a cova na sua mocidade.

A penas o homem nasce, tudo são constrangi-

mentos, e vis prejuizos. As parteiras começam logo por amarrotar a cabeça dos meninos; e dizem, que he para lhes dar uma fórma mais elegante! E como he possível, que se tenha tolerado tamanha loucura! . . . Pois só nisto o Auctor da nossa vida não soube o que fez?

Mas o que as parteiras tem feito ao exterior das nossas cabeças, alguns pertendidos filosofos o tem querido fazer no interior das mesmas: todos nos querem á sua maneira, e não á da natureza! O menino recém-nascido tem necessidade de estender e mover seus membros, para os livrar do torpôr, em que estiverão por muito tempo enovelados; mas de balde: porque tanto os embrulhão e ligão, como se pertendessem não deixar presentir aos outros, que elle está vivo. Desta sorte o impulso das partes interiores do corpo, que tende a vigorar-se, e a crescer, acha um obstaculo insuperavel, que o reprime violentamente; e o menino incessantemente está fazendo esforços inúteis, que só servem de lhe exhaurir as forças, e de acabrunhar os seus progressos. Quanto menos estrangido estava elle no seio materno, do que está entre as mantilhas da sua infancia!

Esta estulta oppressão o que faz, he impedir no triste menino a livre circulação do sangue, e dos mais fluidos do corpo, e estorvar, que elle se fortifique e cresça; alterando-lhe por este modo a sua constituição fysica e moral: por isso vemos tantos corcovados, coxos, cambaios, homens d'uma estatura acanhada, e com defeitos fysicos de toda a especie: emquanto naquelles lugares, onde não entrão semelhantes precauções extravagantes, os homens são apessoados, fortes e gentís. Temendo-se, que os corpos venhão a desfigurar-se com os movimentos livres, os desfigurão com os tormentos e imprensa, em que os mettem: falta sómente a lembrança de fechar os meninos

em um bahú, para que não dem alguma quêda. Mas como deixará de influir sobre o humor e temperamento dos meninos um constrangimento tão cruel, quanto desasistado? O primeiro sentimento, que elles manifestão, he um sentimento de dôr e de pena; depois não encontrão, senão obstaculos, para qualquer movimento, que lhes he necessario. Fazem esforços, porém debalde; e por isso se irritão e chorão: assim as suas primeiras vozes são lagrimas, porque os primeiros tratos são tormentos; usão ainda da voz, que foi o que lhes ficou livre, para se lamentarem do mal, que lhes fazemos: qualquer de nós em tal situação bradaria mais desesperadamente.

(Continuar-se-bá.)

 AGRICULTURA:

(Continuada de pag. 15.)

A Lei, que deixamos transcripta no I. N.º de nosso Jornal, encerra tão grande copia de providencias a bem da agricultura, e ao mesmo passo vistas de policia tão admiraveis, que julgamos superfluo, fazer quaesquer reflexões, que ao primeiro intuito saltão aos olhos de todo o homem sensato. Pelo que todos os nossos dezejões se limitão, a que o Augusto Congresso a salve do esquecimento; mandando, que se cumpra á letra, e com a mais exacta observancia. Por este modo os vadiões serão obrigados a comer o pão com honra, e não lastimarão a vista extensas veigas incultas, e desamparadas por falta de braços. E quão prejudicial não tem sido esta falta, desde annos a esta parte, occasionada pelo serviço dos pobres Milicianos! . . . O que ninguem ignora, he que se este mal não tiver um remedio prompto e efficaz, ficaremos em algum anno de escacez expostos a todos os horrores da fome: porque, sendo já tão sensivel a falta de numerario (sem o qual nada se pôde ir buscar fóra), se ainda em cima deixarmos grandes porções de terra por cultivar; seguir-se-ha a total ruina da povoação, já muito desagrada e reduzida pelos males da guerra; e pela falta dos meios de existencia e de subsistencia. Considere-o qualquer, e preverá metade dos habitantes a morrer de fome, e a outra metade desterrando-se, para fugir a uma igual sorte, ou

para não servir de testemunha a semelhantes horrores. Despertem os nossos Compatriotas, que são proprietarios de predios rusticos; e attentos ao interesse commum, e delles proprios, fação florecer a agricultura, que assim como a Religião, e a Justiça para com os homens, são necessarias para a felicidade da vida futura; da mesma sorte a Agricultura lhes he necessaria para gosarem os principaes bens da vida presente: pois o fim, por que todos trabalhamos (bem que por differentes e extravagantes maneiras), não he outro mais que para ter pão com fartura e segurança.

Todas as nações bem governadas derão sempre grande attenção á agricultura; e muito louvor lhes seja: por quanto não ha maior desgoverno, do que ir comprar fóra com muito ouro, riscos e fadigas, aquillo que podemos ter de Casa com menores cuidados e perigos. Escrevendo sobre esta materia, dizia um sabio Prelado Inglez (*): *Que a Sociedade era semelhante ao corpo humano, cuja alma he a Religião, cuja cabeça he o Rei, que o Conselho lhe serve de coração, os Ministros de olhos, o Exercito de braços, que os Magistrados fazem as funções do estomago e dos intestinos; e finalmente, que os Lavradores servem de pés.* Porém logo accrescenta o illustre escriptor: *Que a Cabeça deve inclinar-se frequentemente, para attender á situação destes ultimos; não só para os livrar dos tropeços, que elles não cessão de encontrar, e que os lastimão gravemente; senão porque são a base do grande corpo, á qual tambem he devido o movimento principal.* E mais ainda continúa com elegante urbanidade: *Se virmos os Lavradores opprimidos com tributos e miseria, não poderemos justamente afirmar, que o Corpo Social está enfermo de gota?*

Ora, progredindo na bella allegoria, quem póde ignorar o quanto os Pés do nosso Portugal tem sido

(*) Joan. Sarisber, Policratici L. 5.

mortificados por este velho achaque? De que maneira sustentarão estes o Corpo, não estando capazes de se firmarem elles mesmos por causa dos tormentos, que supportão? Dizem alguns Auctores, que a comida demasiada concorre grandemente para esta enfermidade; isto pôde muito bem ser que tenha succedido, e que haja causado o mal dos miseraveis Pés: porém ainda quando as cousas tenham corrido por este caminho, os Pés certamente não forão os culpados da gulosina, que os faz padecer. Recceite-se por tanto a abstinencia a quem a merece, e logo os Pés ficarão alliviados de tamanho mal.

Tem-se escripto muitas vezes, e nós ainda o repetiremos (porque muitas vezes se ganha com ser importuno), que a nossa agricultura pôde ser elevada a um grande pé de prosperidade, attenta a benigna influencia do clima, que habitamos; mórmente considerando nós as immensas riquezas, que da cultura dos campos tem sabido colher outras nações muito menos favorecidas pela natureza, do que o he o nosso Portugal: como porém deixará ella de ser mesquinha e apoucada, sem a alliviamos dos gravosos tributos, brigadas, e embargos de bestas e carros, do prolongado serviço dos Milicianos, e de toda a sorte de perseguições, com que tem sido desde largos annos acabrunhada?

O pobre Lavrador, não obstante toda a sua frugalidade, mal pôde subsistir: o seu sustento he simples; mas será este proporcionado aos seus trabalhos rudes e successivos? Ninguem ousará affirmal-o da maior parte destes Lavradores. E por tanto ninguem duvidará, de que a producção do seu trabalho fica muito áquem da que se podéra esperar, se elle andasse melhor alimentado e vestido. No caso opposto, a mesma escacez da colheita o esfria e desanima: e sómente o habito, que forma em nós uma segunda

natureza, he quem pode obrigar-o a progredir nas suas incessantes lidas; e manter-lhe a vida, apesar de tantos descommodos e adversidades.

Diz-se communmente que os Lavradores logrão melhor saude e robustez, do que as pessoas d'uma vida folgada; mas isto só he verdade a respeito dos poucos proprietarios, e já mais do grande numero de jornalheiros, que vivem com suas tristes familias na maior miseria. Seus módicos salarios não só os impossibilitão de ter a ferramenta, e instrumentos precisos; mas até em muitas occasiões lhes não supprem o pão necessario. Não pensem os inexperitos da indigencia, que aqui ha exaggeração neste pouco, que dizemos; se quizerem tomar o trabalho de verem o que a este respeito se passa nestas Provincias ao norte do Reino, e em uma grande parte da Beira, acharão que ainda somos comedidos em referir tamanhas privações e miserias.

Movidos por estas e muitas outras razões, estamos determinados a advogar a causa dos Lavradores; pois parece ser chegada a epocha de se olhar para esta boa gente; e de se dar tanto a elles, como aos seus campos, a attenção absolutamente necessaria. Por isso consagraremos algumas paginas do nosso Periodico ás Memorias e conhecimentos da agricultura, que o maior numero delles seguramente ignora. Varia e abundante materia nos offercem aquellas, que tem merecido a approvação e applausos da nossa Academia Real; das quaes grande numero de Lavradores, com quem havemos tractado, não tem a menor idea, ignorando até, se taes Memorias existem. Sabemos, que a materia he inexhaurivel, e que seriam precisos muitos volumes, para que houvesse de ser tractada com dignidade; mas em quanto a instrucção se não derrama pelos campos, e a benefica Sociedade Olisiponense não começa a pôr em praxe o seu grande

projecto , summamente honroso e patriótico, nós procuraremos por meio deste pequeno escripto ir acordando os Lavradores para os seus utilissimos trabalhos. Não ignoramos, que alguns Escriptores modernos tem publicado certas invectivas contra o melhoramento da agricultura, fazendo comparação entre Genebra, e a Polonia; e mostrando as copiosissimas vantagens, que a primeira tem tirado das fabricas dos seus Relógios; em quanto a segunda, não obstante a cultura dos seus trigos, tem vivido sempre deprimida (atéqui) e sobre maneira espezinhada. Com tudo, posto que muito se podesse dizer á cerca das Instituições tanto de um, como de outro paiz, com o que não seria difficil responder a todas as subtilizas desta cathegoria; estamos persuadidos de que ninguem já ignora ser a Agricultura a primeira, e mais interessante das Artes; porque primeiro que tudo he mister que haja de comer; e mal vai a toda a nação, que o não tem de sua lavra, antes carece de que seus visinhos lho queirão dar. Alem da sua existencia estar muito precária, e dependente de vontades alheias; esta tal nação vive em grande risco de ficar victima da fome, ou da desesperação; se outra visinha e poderosa achar vantagem em lhe obstruir as entradas e sahidas. Alem de que a agricultura não cuida só de trigos; os seus ramos e proveitos são de muitas fórmas, como indicaremos.

(Continuar-se-ha.)

TRACTADO DAS RELAÇÕES DE COMMERCIO ENTRE AS NAÇÕES DA EUROPA.

BEM que a Europa seja a Parte mais pequena das quatro, em que os Geógraphos dividem o Mundo; assim mesmo não deixa de ser a mais interessante, pelo que respeita ao Commercio e Política. He hoje a Europa o Emporio, no qual todo o Commercio do Mundo se acha concentrado; e não he menos consideravel, apesar desta comparativa pequenez, quer pela amenidade do clima, quer pela fertilidade do sólo; bem como por causa da multidão de rios, e canaes navegaveis, que se encontrão por toda ella, e que concorrem para a abundancia dos seus productos, prodigiosas quantidades, e diferentes qualidades de gados, que apparecem por toda a parte: de sorte que não só fornece aos proprios habitantes o necessario com abundancia; mas igualmente appresenta uma notavel variedade de materias, que servem ao luxo, e ás mais prasenteiras commodidades da vida.

Havendo offerecido a nossos Leitores em o I. N.º uma limitada descripção da origem e progressos do Commercio nesta Parte do Mundo, começaremos a desenvolver o nosso discurso sobre o estado commercial, que actualmente liga as nações Europeas; a fim de que se fórme uma justa idea da extensão das relações entre a classe tão respeitavel por causa da sua industria, e promoção do bem publico; e bem assim se contemple em um golpe de vista os interesses de mais ou menos reciprocidade, que prendem as mesmas nações. Procuraremos alem disto evitar a confusão,

quasi inseparavel de tão complicada materia ; a fim de que possam ter lugar as reflexões , que lhe são devidas. Por tanto distribuiremos este assumpto em Artigos separados , para que conhecidos que sejam os productos principaes de cada nação , não menos que o seu commercio e manufacturas ; este Tractado se torne claro e proveitoso : pelo que damos de mão aos principios Cosmológicos , que poderiam produzir alguma obscuridade , sendo de mais estranhos ao intento.

Assim principiaremos por um dos Reinos mais attendiveis da Europa ; e progressivamente iremos dando conhecimento dos outros , segundo a ordem da sua grandeza , e especulações commerciaes.

FRANÇA.

Os productos da França são tão variados , e muitos delles tão importantes ao commercio , que nos vemos obrigados a reduzil-os a classes ; a fim de podermos expôr tudo o que pôde interessar mais o Negociante no prospecto do commercio geral ; a saber :

COMESTIVEIS de toda a qualidade ; mas particularmente o *Trigo* constitue a riqueza mais consideravel , que se extrahê da terra. As outras qualidades de grão , que se colhem naquelle Reino , são *Arroz* , *Cevada* , *Centeio* , e *Aveia*. As *Batatas* também podem entrar neste ramo de producção ; e uma grande quantidade dellas he cultivada nas provincias de *Poitou* ; *Normandia* , *Limosin* , *Ilha de França* , etc.

VINHOS de *BORGONHA* são justamente apreciaveis , e os mais deliciosos da França ; de um tinto mui brilhante , e de gosto sobremaneira agradável. Em *Epernay* na *Champagne* duas terças partes do territorio estão cubertas de vinhas : e se fabricão quatro

differentes qualidades de vinho branco, e cinco de tinto; todos da primeira ordem. Da segunda cinco de branco, e sete de tinto: e da terceira seis da primeira especie, e outro igual numero da segunda. Os da primeira e segunda ordem são aquelles, que promovem a alegria das mesas mais lautas: os da ultima servem á bebida geral e ordinaria. O *Poitou* produz uma qualidade de vinho branco, que se parece bastantemente com o vinho do Rhéno. Os vinhos d'alta *Guyenne*, e da *Gasconha* com o nome de *Bordeaux* e *Clarette*, são muito procurados dos Negociantes, que se tem dado a este genero de commercio. Há outros vinhos em diferentes Comarcas; os quaes, sem embargo de não terem a mesma reputação, nem por isso ficão inferiores aos que deixamos nomeados. A França abunda em geral de vinhos, e licores deliciosos, e de uma depuração admiravel.

AGUAS-ARDENTES. As da França são consideradas como as melhores da Europa; fabricão-nas em todas as partes do Reino, em que há vinhas; entrando na destillação assim os vinhos inferiores, como os de primeira qualidade.

As mais procuradas pelo Commercio são as de *Bordeaux*, *Rochelle*, *Cogniac*, etc. etc. As de *Nantes* e *Poitou*, posto que algum tanto inferiores na qualidade, são bem fabricadas; e tem o maior consumo na Europa, por serem claras, fortes, e de um excellentes sabor. Por esta razão a Inglaterra, a Hollanda e Hamburgo, as comprão quasi inteiramente; se bem que os Hollandezes levão a maior parte.

VINAGRE. Os Francezes fazem com este artigo um commercio assaz consideravel: o de *Orleans* he o mais estimado; e os Inglezes, Irlandezes e Hollandezes, fazem um grande trafico com aquelle, que

he fabricado em *Guyenne*, e que elles exportão de *Bordeaux*, etc.

AZEITE. Há-o de duas qualidades, a saber: aquelle que he feito de amendoas, nozes e azeitonas; e o azeite ou oleo essencial, feito por meio da destillação. A exportação deste ultimo não he muito attendivel; porque a Pharmacia e Fabricas de perfumes o consomem quasi todo dentro do reino. O azeite mais acreditado he o de *Provença* e *Languedoc*. Faz-se tambem muita abundancia delle no *baixo Delphinado*, *Niça*, *Aramount*, etc., e he exportado em grande quantidade para a *Hollanda*, *Inglaterra*, e para o norte da *Europa*. O de *Provença* he importado pelos Italianos, que depois o carregão para alguns Portos do Norte de baixo do nome de = Azeite de Florença. = *Aix*, que era em tempos anteriores a *Praça*, onde se fazia o maior mercado deste ramo de commercio, acha-se actualmente com este manancial de riqueza inteiramente perdido; porque, havendo-se seccado os *Olivaes* com o rigor de alguns invernos, e não dando a guerra passada lugar a que se replantassem, tem perdido lucros irreparaveis.

SABÃO. A maior quantidade deste genero he fabricado em *Marselha*, *Toulon*, e outras *Cidades*, tanto na *Provença*, como no *Languedoc*. Há duas qualidades de sabão na *França*, que são o Branco, e o Mescelado. Fabrica-se grande quantidade de outro mais ordinario na *Picardia*, e norte da *França*.

CANHAMO. Cultiva-se na *Picardia* e *Flandres Franceza*; e delle se fornecem as Fabricas de pannos nesta *Provincia*, recebendo por este modo os materiaes precizos para o seu trabalho. Nos territorios de *Reu-*
Vol. I. L

nes e Dol na Bretanha, os campos, que produzem o canhamo, occupão o espaço de vinte e cinco leguas. Acha-se tambem uma quantidade notavel no *Languedoc superior*, especialmente em *Auvergne*; onde o terreno he peculiarmente apto para este ramo da Agricultura.

LINHO. A *Flandres* produz muita quantidade de linho, o qual he consumido pelas Fabricas das cambraias. A sua semente he importada de *Dantzich* e *Riga*. Cultiva-se tambem grande quantidade nas Provincias de *Rouen*, *Anjou*, *Bretanha*, etc., etc.

MADEIRA. He este um objecto muito importante no commercio da França. Mr. Young calculou em cincoenta mil geiras de terra o espaço, que occupão os bosques e arvoredos de França, donde sahe a grande abundancia deste artigo de commercio; o qual se separa em seis classes, que são: 1.^a para construcção de Navios; 2.^a para gasto dos edificios; 3.^a para carros e sejes; 4.^a para uso dos Ensambladores; 5.^a para estacas das vinhas; 6.^a para queimar-se. Os sobereiros, que são copiosos na visinhança dos Pyrenneos, tanto do lado da Hespanha, como da França, offerecem a melhor cortiça do mundo.

GADOS. Faz-se uma avultada creação de gado na França; e isto assim do gado vaccum, como do ovelhum, e porcos; porque a agricultura muito aperfeçoada do paiz subministra excellentes pastos para nutrição de grandes manadas e rebanhos. Os porcos pastão geralmente nas visinhanças dos bosques, aonde encontram muita abundancia de castanha e bolota; tambem se crião muitos naquellas provincias, que são abundantes de trigo; taes como a *Normandie*,

Champagne, Perigord, etc. Os couros de França não tem estimação. A lã não se pôde comparar nem com a Hespanhola, nem com a Ingleza. As Cabras, não obstante haver numerosos rebanhos, são desprezadas pelo commercio. Há também grande abundancia de queijo e manteiga; e esta principalmente faz um ramo de commercio attendivel, quer seja fresca, quer salgada. A melhor manteiga salgada vem da *Bretagne, Normandie*, e do *Borbonés*: a fresca, denominada *Gournay*, he consumida quasi totalmente em Paris.

O gado cavallar e muar não he procurado pelo commercio: algum, que ha melhor, vem de *Limosin*.

SEDAS. A qualidade da seda Franceza, especialmente aquella, que he trazida do *Languedoc*, he preciosa. Desde o estabelecimento dos Moinhos, a seda de *Vaucauson*, e os Orgazinos (*) da França tem obtido uma superioridade e preferencia a tudo o que neste genero he conhecido. As mais finas Tramas vem do *Languedoc* e *Alais*; pois não se conhecem outras fabricadas com tanta perfeição.

PESCARIA. A pescaria, tanto de mar, como de rios, feita pelos Francezes, he digna de attenção. A principal he a que elles fazem no Oceano, e no Mediterraneo; donde tirão Cavallas, Lingoados, Solhas, peixe Gallo, e também algum Salmão, Capatão, Congro, Arenques, Sardinhas, etc. O Mediterraneo, a quem faltão algumas destas especies, compensa esta falta com Bonito, Pargo e Enchôvas em abundancia. E para se formar idea deste ramo de commercio, bastará que se saiba, que tresentas legoas

(*) Seda torcida, e que já tem passado duas vezes pelo moinho.

de Costa, que os Francezes possuem no Oceano, são quasi inteiramente povoadas por Pescadores.

O peixe, que mais frequentemente pescão dos rios, he Salmão, Carpa, Trutas, Enguias, etc.

MINERALOGIA. Os Francezes possuem muitas minas de carvão, as quaes dão que trabalhar a muita gente. Descubrio-se uma em *Nivernois*, que jazia a tres pés debaixo da superficie da terra. Alem do carvão, tem-se descoberto na França varias outras substancias combustiveis; como o *Petróleo* (*), *Asphálto* (**), etc.

Possuem tambem minas de Ferro, de que se utilisão abundantemente, por ser muito, e de facil extracção: e em varios sitios se encontrão grandes torrões deste mineral sobre a superficie da terra.

Achão-se tambem nos Pyrenneos minas de Cobre mui ricas; bem como em outras partes, posto que menos attendiveis.

O Chumbo he porém mais commum, dó que o Cobre: em todas as minas metallicas apparece chumbo em grande quantidade: e algum he peculiarmente precioso, por conter em cada arroba de seu peso perto de quatro onças de prata. Ainda que o Ouro, e a Prata se achem tambem na Mineralogia Franceza, todavia as porções, que se encontrão, não merecem especial attenção: e outro tanto se póde dizer do *Azougue*, de que os Francezes tem uma só mina em *Menildot*. Ha porém Zinco (***) em grande quantidade, e bem

(*) *Petrolio*, betume liquido e negro, que se encontra nas entranhas da terra, e nas fendas de alguns rochedos.

(**) *Asphalto*, outra especie de betume sólido e duro.

(***) O Zinco, ou *Zelamina* tem a virtude de fazer o Cobre amarello.

assim Cobalto, que he outro semi-metal, de que se tira o Arsénico, e por meio do qual se dá uma côr azul ao vidro. A França tem minas de Antimónio, capazes de fornecerem toda a Europa: e tem o Manganés (*) igualmente em grande quantidade. Só não descobrio ainda Sal commum na estado sólido, em que o tem a Inglaterra, a Polonia e Hespanha. Com tudo a França faz um Commercio muito extenso em Sal marinho; maior certamente que outro qualquer reino da Europa.

MANUFACTURAS. Depois de havermos referido os productos principaes do territorio Francez, trataremos agora das manufacturas e fabricas, que animão a extracção destas producções, occupando assim com proveito innumeraveis braços. E tão extensas são as vantagens de um Povo, que ama a instrucção, e a industria.

(Continuar-se-há)

(*) Manganés, outro semi-metal, mais difficil de se derreter, do que o ferro. Nestas e semelhantes denominações não adoptamos a Nomenclatura Chymica dos ultimos tempos, para não ficarmos incomprehenzíveis ao commum de nossos Leitores.

PRINCIPIOS FUNDAMENTAES DAS
TINTURARIAS.

A Quatro differentes classes se podem reduzir as materias, que entrão nas Tinturarias; que vem a ser: Lã, Seda, Algodão e Linho. Mudanças permanentes na côr do panno só podem obter-se por duas maneiras; ou produzindo uma alteração chymica no mesmo panno, ou fazendo que todos os seus fios absorvão a tinta, que pertendemos communicar-lhe, e na qual o sobmergimos. Rarissimas vezes se tem posto em pratica a primeira operação, por que estraga o panno, arruinando a sua contextura. Por esta razão o Tintureiro, quando pertende tingir, usa sempre do segundo modo; applicando a materia colorante, extrahida de substancias animaes, ou vegetaes. E porque está conhecido, que as partes, que compoem a tinta, são transparentes, segue-se; que a luz, reflectida pelo panno depois de tingido, não provém da materia colorante, porém da côr primeira, que o panno tinha anteriormente; posto que agora modificada esteja pela tinta, em que se embebeu. Por esta causa, sendo o panno preto, a tinta, que se lhe applicasse, ficaria perdida e inutilisada; porque não podendo haver neste caso reflexão alguma, tambem não podia ser transmitida. Donde se collige, quanto he importante a escolha de um branco bem claro, sempre que se pertende fazer brilhar a côr da tinta; pois neste caso todos os raios de luz serão abundantemente reflectidos, e a tinta sobresahirá com o seu raio particular.

He por tanto a Tinturaria uma Operação Chymica, a qual combina o melhor possível a materia colorante com o panno, que se quer tingir: mas esta combinação jámais se poderá effectuar, menos que a materia colorante não esteja perfeitamente dissolvida em algum fluido, como mais abaixo se dirá.

A Lãa he a materia mais apta para ser tingida: depois desta entra a Seda em segundo lugar; o Algodão em terceiro; e ultimamente o Linho. A fim de tingir-se o algodão ou linho capazmente, he necessario, que a materia colorante seja muitas vezes dissolvida em um fluido, pelo qual a sobredita materia tenha menor affinidade, do que pelo dissolvente, usado na tinta preparada para a Lãa, ou Seda. Neste caso usão os Tintureiros do oxido de ferro, dissolvido em acido sulphurico, para tingir a Lãa, porém para o algodão, ou linho o dissolvem com acetato. Se fosse possível encontrar-se numero sufficiente de materias colorantes com a competente affinidade, a arte da tinturaria seria mui simples, e d'uma execução facil. Porém não acontece assim: e por isso, á excepção do anil, não há na tinturaria materia alguma colorante, que imprima por si só uma côr fixa e permanente, que mereça o nome de tinta. Esta difficuldade, que parecia em outro tempo insuperavel, tem-se remediado por meio de uma descoberta muito engenhosa. Usa-se de alguma substancia, que tenha affinidade estreita tanto com o panno, que se pertende tingir, como com a materia colorante: então aquella substancia he primeiramente combinada com o panno, e este se infunde depois na solução, que contém a materia colorante; a qual combinando-se com a substancia intermedia, que já se acha compenetrada com o panno, segura a permanencia e duração da tinta. Estas substancias intermedias são chamadas *Mordentes*.

O mais importante segredo da Tinturaria he sem duvida a boa escolha e applicação destes mordentes; pois que delles depende a permanencia de quasi todas as tintas. Tudo quanto se tem dito relativamente á applicação das materias colorantes, se observa igualmente na applicação dos mordentes. Devem ser primeiramente dissolvidos em algum fluido, que tenha com elles menor afinidade; e então o panno deve ser infundido, e deixar-se nesta solução, até que esteja perfeitamente saturado de mordente. Em geral as materias usadas para mordentes, são: *terra, oxidos metallicos, pós de casca de carvalho e azeite*. De todos os mordentes de terra o mais excellente e geralmente usado he a *alumina* (terra que contém pedra hume), e usa-se desta, ou no estado de pedra hume, combinada com acido sulphurico, ou em acetato da mesma *alumina*. Quando se faz uso da pedra hume como mordente, dissolve-se esta em agua e ordinariamente se lhe mistura uma quantidade de tartaro, igualmente dissolvido. Mergulha-se então o panno nesta solução, e ahi se deixa, até que tenha absorvido a *alumina* sufficiente. Depois se tira para fóra; lava-se; e enxuga-se ao ar.

O tartaro obra dous efeitos: a potassa, que contém, combina-se com o acido sulphurico da pedra hume; e por este meio impede, que aquella substancia corrosiva destrua o tecido do mesmo panno; o que por ventura succederia, a não se effectuar esta combinação. E por outro lado o acido tartarico, combinando-se com parte da *alumina*, fôrma um tartaro da mesma, que he mais facilmente dissolvido pelo panno, do que a pedra hume.

O *acetato da alumina* há pouco tempo, que foi introduzido na tinturaria. Prepara-se este mordente, lançando acetato de chumbo em solução de pedra hume;

e por este meio se consegue uma decomposição dobrada; pois o acido sulphurico, combinando-se com o chumbo, precipita-se na fórma de pós, ao mesmo tempo que a *alumina* se combina com o acido acetico, e fica dissolvida no fluido. Este mordente usa-se na tinturaria de algodão e linho; os quaes tem com a *alumina* menos affinidade, do que a lã, e por consequencia toma uma côr mais bella e permanente.

Além da *alumina*, usa-se alguma vez da cal como mordente. O panno tem sufficiente affinidade com ella; porém não he usada por todos, porque a sua côr não he tão boa. Mas usando-se della, ou he em estado d'água de cal, ou de sulphato de cal destillada em agoa. Quasi todos os oxidos metallicos mostrão affinidade com os pannos; dous porém unicamente estão em voga, que são: oxido de estanho e de ferro. O oxido de estanho foi pela primeira vez introduzido por Kuster na tinturaria; e esta descoberta do Chymico Allemão faz epocha na historia da tinturaria. O oxido de ferro tem habilitado os modernos a exceder os antigos na formosura das côres. Por este só se fórma a côr de escarlata, que he a mais brilhante de todas as côres.

O estanho atura dous grãos de oxidação. O primeiro he composto de setenta partes de estanho, e trinta ditas de oxigenio. O segundo, ou oxidação branca, obtem-se com sessenta partes de estanho, e quarenta de oxigenio. Além disto o primeiro absorve o oxigenio com muita facilidade, até mesmo do ar; e converte-se rapidamente em oxido branco. A experiencia tem mostrado, que sómente o oxido branco de estanho he um verdadeiro mordente: mas quando o outro se applicasse ao panno, como he natural que aconteça muitas vezes, não tardaria a converter-se em oxido branco pela quantidade de oxigenio, que

absorve logo da atmosphéra. Usa-se do estanho; como mordente, por tres differentes maneiras: dissolvido em acido nitro-muriatico, em acido acetico, e em uma mistura de acido sulphurico e muriatico. Nitro-muriatico de estanho he o mordente geral, de que usão os tintureiros. Prepara-se por meio da dissolução de estanho em acido nitrico; no qual se introduz uma porção de sal commum, ou ammoniaco. Parte do acido nitrico decompoem estes saes, e se combina com a sua base, deixando o acido muriatico em liberdade. Costumavão dantes preparal-o em acido nitrico sómente; porém este methodo achou-se que era defeituoso; porque ordinariamente o acido nitrico converte o estanho em oxido branco, e neste caso não o pôde dissolver, e consequentemente todo o estanho se precipita. Para se remediar este defeito se introduzio logo sal commum, ou ammoniaco; pois o acido muriatico tem a virtude de dissolver com grande promptidão o oxido branco de estanho.

Póde poupar-se muito acido nitrico, usando do sulphurico em quantidade bastante para saturar a base do sal commum, ou ammoniaco, que entra nesta composição. Quando o nitro-muriatico de estanho he usado como mordente, deve ser dissolvido n'uma grande porção d'gua: o panno he mergulhado nesta solução, e deixado na mesma, até ficar bastantemente ensopado: depois tira-se, lava-se, e enxuga-se. O tartaro he tambem dissolvido em agua juntamente com o nitro-muriatico; e o resultado he uma decomposição dobrada. O acido nitro-muriatico combina-se com a potassa do tartaro, em quanto o acido tartarico dissolve o oxido de estanho. Quando porem o tartaro he introduzido em grande quantidade, o mordente não he mais nitro-muriatico, mas torna-se em tartaro de estanho.

O ferro, á maneira do estanho, pôde ser oxidado em dous grãos, porem o oxido verde absorve o

oxigenio da athmosphéra com tamanha brevidade, que logo se converte em oxido vermelho ; e por consequencia he este ultimo oxido o que unicamente se usa como mordente. O oxido verde tambem he algumas vezes usado ; todavia pela razão sobredita de attrahir precipitadamente o oxigenio da athmosphéra , não tarda em tornar-se vermelho. Este oxido tem uma affinidade mui grande com todas as sortes de pannos : e isto até se prova pela permanencia das manchas da ferrugem na roupa branca , quer esta seja de linho, quer de algodão. Usa-se como mordente em dous estados ; no de sulphato de ferro (ou caparroza) , ou em acetato de ferro. O primeiro he praticado geralmente nas tinturarias de lã : o sal he dissolvido em agua , e o panno infundido na solução. Póde-se fazer tambem uso delle nos algodões , porem o acetato de ferro tem geralmente preferencia. Este mordente se prepara pela dissolução do ferro em vinagre ; e fica tanto melhor , quanto mais tempo se deixa estar o ferro em solução : a razão he porque este mordente prova melhor , quando o ferro fica em estado de oxido vermelho. Seria mais proprio converter o ferro em oxido, ou ferrugem, antes de fazer uso delle ; o que se podia conseguir com muita facilidade , tendo-o por algum tempo em lugar humido , ou borrifando-o com agua de espaço a espaço.

Os pós de casca de Carvalho tem da mesma sorte grande affinidade com o panno , assim como a tem com diversas materias colorantes ; e por isto são applicadas muitas vezes , como mordente. Uma infusão de galhas , ou sumagre , ou qualquer outra substancia , que contenha os ditos pós , he feita em agua ; e o panno se infunde nesta , e se deixa ficar , até se embeber abundantemente. A seda tambem absorve uma grande quantidade destes pós ; e por este motivo se torna muito mais pesada : razão por que alguns fabricantes tem usado deste meio não poucas vezes , para accre-

scentarem ao seu pezo. Destes pós se usa frequentemente para a formação de mordentes compostos.

O azeite entra tambem para o mesmo effeito nas tinturarias de algodões e linhos. Os mordentes, nos quaes os pós de ordinario se combinão, são a *alumina*, e o *oxido de ferro*.

Além destes mordentes ha varias outras substancias frequentemente em uso, como auxiliares, seja para facilitar a combinação do mordente com o panno, seja para praticar alguma alteração na côr do panno. E os mais principaes reduzem-se aos seguintes: tartaro, acetato de chumbo, sal commum, sal ammoniaco, sulphato, ou acetato de cobre. Estes mordentes servem não só para fazer a côr permanente, se não tambem para a modificar com algumas variedades. Supponhamos, por exemplo, que a materia colorante he Cochonilha, se se usar do *mordente aluminoso*, a côr será carmezim, e applicando-se aquelle do *oxido de ferro*, a côr será preta.

Por tanto para a boa tinturaria não basta meramente a escolha de mordentes, que tenham bastante affinidade com as materias colorantes; assim como não he bastante que haja a materia com a côr, que se pretende; precisa-se além disto, que o mordente, de que se lança mão, seja apto para produzir a mesma côr com perfeição. Do que se collige evidentemente: que uma simples tinta pôde produzir grande variedade de côres, sempre que se souber variar proporcionadamente nos mordentes.

A materia colorante, com que se tinge o panno, não cobre perfeitamente a sua superficie: as particulas componentes, daquella materia existem situadas a certas distancias umas das outras: por conseguinte a mesma côr pôde ser mais clara, ou escura, á proporção da quantidade da materia colorante. Menor quantidade fará a côr clara; e quanto mais se

acrescentar a esta quantidade , tanto mais escura se tornará : o que não aconteceria , se a tinta cubrisse completamente toda a superficie do panno. Que as particulas componentes da materia colorante estão em distancia umas das outras (ainda quando a côr está carregada) , he evidente pelo bem conhecido facto , de poder-se tingir o panno de duas côres em uma só vez. A tinta verde fórma-se no panno , tingindo-o primeiramente de azul , e logo depois de amarello.

As côres denominadas *simplices* pelos tintureiros , por isso que fazem a base de toda a sua Arte , são quatro , e vem a ser : Azul , Amarella , Vermelha e Preta. A estas ainda costumão alguns acrescentar quinta , a que chamão Parda.

(Continuar-se-há.)

REFLEXOENS SOBRE A CONVERSAÇÃO
FAMILIAR.

UM dos maiores prazeres, que se conhecem no meio das sociedades, he certamente a Conversação. Esta abre uma agradável correspondencia entre as nossas ideas, e as dos amigos; e ao mesmo passo nos procura a necessaria relaxação das occupações diarias. Ella faz alem disto a delicia da Mesa; pois sem conversação o prazer seria meramente sensual. Excita em cada um vivos dezejões de se fazer agradável para com os outros, e de merecer a benevolencia e estima de todos: produz o bom senso, desperta o poder da imaginação, os conceitos agradaveis do espirito, e a luz da razão.

Se nosso intento fosse definir a palavra *Conversação*, poderiamos dizer, que ella he: A communicação livre e pessoal das nossas opiniões, e sentimentos sobre objectos domesticos, politicos e literarios, pois são estes os lugares communs, que Cicero parece reconhecer neste acto social. Por consequencia he só entre povos civilizados, e no meio da classe instruida, que pôde ter lugar a verdadeira e instructiva conversação.

Entre as Tribus Selvagens o teor do discurso não pôde estender-se a mais que ás precisões da vida, caça, ou pesca, guerras entre umas e outras, etc. Naquellas mesmas nações, onde as artes, e sciencias estão no atrazamento bem conhecido, que pôde ser a sua conversação, senão uma inconcludente rapsodia? Pois ninguem ignora, que no meio das sociedades ci-

villisadas só merece exactamente o nome de conversação aquella, que se dá entre pessoas, cuja educação tem conseguido elevar seus sentimentos acima do que he vulgar; e tem corrigido os excessos da imaginação por meio da cultura das letras, da frequencia da honesta sociedade, e do conhecimento do mundo. E se alem destes predicados o homem tiver viajado com espirito observador, em tal caso os seus conhecimentos serão practicos, as suas informações interessantes, e a sua conversação cheia de utilidade e de recreio.

Se merecem credito as relações dos Viajantes mais famigerados, que frivolos não são os passatempos, que estão em uso entre povos sem cultura, nem liberdade? Um destes, que habitou por algum tempo entre os Persas e Indios, com o fim unico de estudar seus costumes, relata ao publico: « Que sendo admitido a uma das mais distinctas assembleas, não ouvi pronunciar palavra alguma em todo o tempo, que durou aquelle ajuntamento. »

Não causa tambem menor surpresa a descripção dos banquetes da Grecia, que nos deixou Platão e Xenophonte. Parece incrivel, que uma nação tão polida, como era a Grega, mãe de um grande numero de Filósofos, procurasse o seu divertimento na petulancia extravagante de alguns Bobos, assim como nas attitudes grutescas de suas Dançarinas. O certo he, que lemos ainda hoje, que isto se praticava frequentemente em Athenas! Nos banquetes de Platão e Xenophonte, um Bobo, que se dizia Philippe, uma Dançarina, e um Tocador de flauta, formavão todo o recreio dos Convidados! Ora se passatempos taes estavam em uso na Cidade, que foi o berço das sciencias; não he para estranhar, que elles não sejam ainda hoje despresados por nações, onde as letras não tem recebido igual cultura. E he por isso, que nos nossos dias, e no seio da Europa, se tem julgado por cousa

galante, o introduzir em grandes banquetes algum destes insulsos Caturras. A tanta extravagancia nos arrasta a estupidez, ou a orgulhosa taciturnidade! Do Reino de Siam sabemos nós, que era tão forte a paixão de seus habitantes pelo jogo, que chegavão a arriscar frequentemente á sorte do dado, não só todos os seus bens, senão também a liberdade das proprias mulheres e filhos. Outro tanto se tem escripto dos antigos Germanos, e de algumas nações barbaras da America. Este pertendido divertimento alliviavahes o peso do tempo, bem como o theatro, os bailes, e as companhias o fazem hoje a um Cidadão de Londres, ou Pariz.

Já não era assim o Povo Romano, que nos tempos do seu heroismo conversava sobre a Agricultura, Liberdade, Sciencias e Conquistas. E depois mesmo daquella idade feliz; depois mesmo que o engrandecimento do poder e do luxo deu entrada franca a todos os vicios; e que a Esplanada, o Circo, as Pantomimas, e os Gladiadores agonisantes, fazião todo o divertimento do povo; sempre a Literatura era objecto de conversação nas Mesas dos Sabios, e dos grandes Cavalleiros. O elegante historiador Attico nos diz, que pessoa nenhuma era admittida ás suas Ceas, que não estivesse disposta a ouvir ler alguma Obra instructiva. E outro tanto refere Plinio o moço, que praticava, quer estivesse com sua mulher sómente, quer com os seus amigos, ou se havia de ler, ou voltar a conversação sobre algum objecto scientifico. Nós ainda hoje lemos nas nossas historias, que isto mesmo se praticára nas mesas de alguns Monarchas Portuguezes: e não está tão esquecido este bom costume da antiguidade, que ainda hoje o não pratiquem muitas Corporações religiosas, que vivem no meio de nós. E quando a conversação se torna demasiadamente jocosa no meio d'uma sociedade respeitosa, não seria qual-

quer livro de comédias, ou de historia um substituto melhor para encher o tempo, do que as mesas de um jogo ruinoso, que reduz os circumstantes ao silencio, ou desabrimento de palavras? Nunca nos afastamos tanto do verdadeiro prazer, como quando buscamos divertimentos, em os quaes não tem parte o espirito, e o coração.

Pelo que toca pois á Arte de conversar, esta parece consistir principalmente em não nos demorarmos muito sobre qualquer assumpto; fazendo ver rapidamente o que há na materia de mais interessante; por isso que os outros membros da companhia merecem também ser escutados; e até em certo modo estão dezejando, que os desafiemos a fallar. Todo o homem de bom senso e bem educado evita com tanta circumspecção dizer fanfarrices, como fazer-se importuno por meio de ninharias e futilidades: entra na sociedade para fallar, para entreter a conversação com reflexões e ditos a proposito do assumpto, sobre que se discorrer. Também não procura ostentar o papel de sabio; quaesquer que possuão ser os conhecimentos, que desenvolva, estes se manifestarão a travez da sua exposição modesta. Por quanto toda a ostentação indica fundo de orgulho ou vaidade, que já mais poderá ter cabimento no seio da amisade, ou de pessoas, a quem devemos consideração e respeito. E que pensaremos nós de certas narrações dos menores acontecimentos domesticos, e que as paredes da casa deverião encobrir aos olhos dos estranhos? Que só a estreiteza da amisade pôde perdoar, ou acolher benignamente relações tão minuciosas, a fim de se não tomarem por inconsideração, e pouco espirito.

O que porém mais que tudo afêa a conversação, he a satyra mordaz, e cheia de fel, que manifesta toda a baixaza e grossaria, não menos que o descomedimento, e petulancia da intriga. Outro tanto porém

não pensamos nós da censura racional, dirigida contra os vícios; sem embargo da opinião encontrada de algum Moralista. Todos os Legisladores tem em vista aperfeiçoar a educação dos homens já feitos. Assim os de Sparta expressamente permittião esta licença na conversação particular e publica, como correcção para os máos. Todavia a civilidade requer, que estas justas reprehensões sejam intimadas sempre com o riso nos labios, e sem perda do bom humor: porque ainda que nada se deva aos vícios, podemos reprehender o homem, sem o affligir; se o irritamos, não o corrigimos: e nós accendemos a tocha, que não para queimar, senão para dar luz. O odio, que naturalmente se tem aos vícios, he quem nos faz sympathisar com iguaes censores: e quem não vê ser isto uma das homenagens, que tributamos aos bons costumes, e á virtude?

As anedotas são outro entretenimento da conversação familiar. Deste modo se divertião muitas vezes os Spartanos, e Romanos no meio dos seus banquetes: e os ditos agudos, a conducta, e o character das pessoas illustres, quer por letras, quer por armas, fazião nelles mais profunda impressão, do que a doutrina das Escolas, ensinada com toda a pompa Dietatoria.

Os progressos da Literatura, e os estrondosos acontecimentos do seculo, em que vivemos, tem alargado a esphera das nossas conversações. Nós passamos revista, não só ás virtudes e vícios do nosso tempo, mas igualmente ás dos seculos, que precedêrão. Alem disto temos a grande variedade nas descobertas, que as Sciencias e Artes tem feito: serve-nos de recreio a Música, a Pintura, a Eloquencia, a Poesia, a magnificencia da Architectura, a elegancia das perspectivas naturaes, e n'uma palavra mil cousas differentes, que dão exercicio ás nossas faculdades intellectuaes, dis-

trahem nossos sentidos, e allivião o pezo das miserias da vida. E sendo tão extensos os motivos para a conversação, seremos tão insensatos, que nos entreguemos ás agonias do jogo, com detrimento da propria saude, prejuizo dos nossos bens, e máo exemplo de muitas victimas, que encaminhamos para o mesmo precipicio?

Sé um grande fallador enfada, e atormenta os que tem a má fortuna de o soffrer; quantas vezes uma conversação ingenua e graciosa desperta o bom humor da maior parte da assemblea? Sabe-se com quanta rapidez se communicão os affectos e sentimentos por meio de uma certa sympathy. E se queremos observar estes effeitos, que são como uma especie de contagio, attendamos a estes movimentos e gestos, que alvoroção muitas vezes uma grande multidão: e observaremos, que a paixão, ou sentimento de um só individuo, que a sabe expôr em tom competente e natural, pela mais rápida das communicações se transmite a todos os ouvintes, e lava como o incendio. Entra um individuo qualquer com ar melancólico, e a dor pintada no rosto; toda a assemblea ao fitar nelle os olhos, antes mesmo de lhe ouvir uma só palavra, e por mais divertida que esteja, muda repentinamente de semblante, testemunhando-lhe a sua commiseração por uma correspondencia de gestos semelhantes. Pelo que parece podemos concluir, que a linguagem dos gestos he pelo menos tão necessaria para a conversação familiar, como os bons propositos, e as anectodas agradaveis.

POLITICA.

Reflexões sobre as principaes vantagens, que se hão de seguir de uma Constituição analogã aos nossos usos e costumes, e formada segundo nossos antigos foros e liberdades.

(Continuada de pag. 58.)

HE uma verdade incontrastavel, que a felicidade de um Reino Constitucional depende não só do estabelecimento de leis analogas ao espirito da Nação, mas tambem da escrupulosa execução das mesmas.

As leis barbaras e sanguinarias, necessarias para sustentar o Direito Publico em os seculos dos Lycurgos, e dos Solões, não servirão hoje a outro fim, do que a despovoar os Paizes Europeos; em os quaes, seja a Religião, seja a civilização mais adiantada, tem feito uma completa revolução no coração humano; e posto que por uma docilidade desconhecida naquelles tempos esteja o vicio mais familiarizado com o homem, do que o foi em Sparta, e outras Nações, o exemplo, a Moral, e finalmente o castigo mais brando, tem outro tanto poder no balanço da justiça, do que tinham as violentas sentenças dos Gregos: e a experiencia nos mostra sobejamente, que não he a severidade quem pôde remediar os males da sociedade, mas sim a sabia recopilção daquellas leis, que inda hoje se fazem tão respeitaveis, a par das vastas luzes do seculo, em que vivemos; bem como a reforma de todos aquelles prejuizos e irregularidades, que as mesmas luzes já hoje não consentem.

Ora se a isto se accrescentar a sua fiel execução.

por meio de Ministros cheios de sabedoria, e amantes da rectidão e integridade, veremos prosperar o bem publico, e formar-se o Reino da Justiça, que iguala a todos os Cidadãos debaixo da lei, sem outras considerações mais, que as que pede a manutenção da boa ordem, e tranquillidade social.

Innovar radicalmente Instituições de uma Monarquia seria uma tarefa impraticavel, e não deixaria de produzir uma confusão na politica de qualquer Nação, pois que toda a Europa tem adoptado certas leis sobre costumes, que a tradição faz remontar a seculos afastados, mas que não são nada menos saudaveis e asisadas, que muitas outras, que devemos aos Sabios do nosso seculo, e do passado. Compilar porém um Codigo sobre a base das Leis da Monarquia, livres daquellas perigosas contradicções e abusos, que o tempo, e a relaxação tem amontoado na Jurisprudencia, he não só um dos primeiros objectos, mas o mais interessante, que pôde ter diante dos olhos um Congresso Nacional, para estabelecer uma solida permanencia na segurança, e prosperidade do Reino.

Vemos nos dous principaes Reinos da Europa a Inglaterra, e a França, onde o Direito Publico he sustentado valerosamente por Leis analogas ao espirito da Nação, e outro sim administradas por homens de virtude e independentes, apesar das queixas Nacionaes, frequentes em Reinos tão povoados e emprehendedores, já pelo pezo dos tributos, já por outros motivos de descontentamento popular, nunca alguém se queixou da administração da Justiça; e até aquelles mesmos, a quem as Leis tem feito sentir todo o pezo da adversidade, tem recebido em silencio os mais duros golpes na certeza moral, de que a sua sorte foi decidida imparcialmente, e segundo o verdadeiro espirito daquellas Leis, cuja justiça todos reconhecem, ou na theoria pelo estudo, ou na pratica pela publi-

cidade da sua boa administração em um Foro, onde a razão só pôde ter imperio, e onde esta mesma razão he advogada perante o Reo, e o Auctor.

E que exemplo não he este para uma Nação, que deseja estabelecer a sua felicidade, e a sua consideração civil na boa ordem, e na virtude!

He certo que não sendo a Lei outra cousa, senão a base da boa fé, a sua administração deve em tudo mostrar-nos evidentemente a mesma boa fé; o que se torna impraticavel toda a vez que exista confusão, e obscuridade no corpo das Leis. Por outra parte quam grande he a responsabilidade do Juiz para com a Republica, ainda sem considerarmos o que elle deve a si mesmo como homem, em cujas mãos está confiada a sorte do miseravel reo pela boa, ou má applicação da Lei, que o julga? E quam escrupulosa deve ser a escolha de Ministros capazes de preencherem este sagrado dever com aquella ponderação e interesse, que pede uma tão melindrosa situação?

Na Inglaterra, onde a administração das Leis he levada ao ultimo ponto de ordem e boa fé, e onde a discussão publica he determinada pelos Jurados, que representam a Nação; o criminoso he posto á vista dos seus Juizes, e dos seus Accusadores. Diante de toda a Nação tracta-se de investigar o seu crime, e se he, ou não, culpado segundo a determinação das Leis; a mesma Nação o julga: porém em todo o tempo, que dura esta discussão, apczar de estar elle debaixo de prisão, não só he considerado como innocente, mas até o mesmo Juiz o defende, não o deixando dizer cousa, que possa ser em seu prejuizo; estabelecendo o facto na deposição das testemunhas, que são quem auctorisa a sua condemnação, ou a sua liberdade.

Este rasgo bem entendido de pura humanidade em uma Constituição livre, e bem formada justifica

á vista do Mundo inteiro um procedimento , que só pôde depender das conhecidas Leis do Paiz. Mas como poderia isto ter lugar , se uma Lei arbitraria e incoherente fosse applicada em segredo ? ou se por outro lado o Direito Publico fosse dependente de umas Leis equivocadas , e da espontanea , ou mal entendida decisão de um Ministro , ou pouco attencioso , ou pouco intelligente , ou venal ? Poderia o Cidadão persuadir-se que a sua segurança , o seu Direito estava protegido no amparo de uma Constituição , fundada no balanço sagrado da Razão , e da Justiça ? Ainda mesmo , que a sua causa fosse tractada com a maior rectidão ; um systema de trevas , e obscuridade uma vez admittido o faria sempre desconfiar da imparcialidade dos seus Juizes.

E qual remedio mais efficaz para evitar esta desordem , do que a publicidade do Foro ? Seja a causa civil , seja criminal , tracta-se della diante da Lei , e da Nação ; o Juiz péza as opiniões daquelles varões , que a advogão ; o Reo está presente : acha-se elle incurso na pena , que lhe impõe a Lei ? O Magistrado com o conselho dos homens bons não faz mais do que indicar-lhe o que ella determina contra o mesmo Reo.

Quantas inquietações , quantas demandas se evitarião debaixo de semelhante principio , se o Auctor , ou Reo pudesse ter de antemão a certeza do que a Lei lhe decretava , sem fundar as suas esperanças nas innumeraveis cavillações , que appresenta uma confusa multiplicação de Extravagantes , Alvarás e Avisos ? Veriamos entre nós aquelle descontentamento geral , que a prolongação das causas , infinitas delongas , e trapaças forenses de continuo produzem ? Haveria acaso uma demora tão prejudicial ao Direito Publico , se a administração das Leis fosse feita perante os olhos do Publico , ou pelo menos , se fossem estes processos patentes ao seu conhecimento ?

(Continuar-se-ha.)

NOTICIAS ESTRANGEIRAS.

FRANÇA.

Pariz em 20 de Dezembro de 1820.

AS Sessoens das Camaras foram abertas hontem em um Salão no Paço do *Louvre* preparado de antemão com o maior gosto e magnificencia; S. M. sahio das *Tuilleries* á uma hora, e uma salva Real de 21 Peças de Artilheria annunciou a sua chegada; uma Deputação de doze Pares, e vinte e cinco Deputados dos Departamentos recebeu El Rei no Salão da Galeria de Apollo; depois de repousar por algum tempo, caminhou ao Throno acompanhado por toda a Real Familia, estando o Chanceller da França na frente, porém á esquerda d'El Rei; á direita e á esquerda dos degrãos estava o Presidente do Conselho, os Ministros, e outros Officiaes maiores, tanto civis, como militares. Os Pares estavam em Bancos postos em frente á direita e á esquerda d'El Rei. A Duqueza de *Angouleme*, a Duqueza de *Orleans*, e Mademoiselle de *Orleans* estavam em uma Galeria ao pé do Throno.

A Assembla estando de pé, e sem chapeo na cabeça, El Rei mandou aos Pares que se assentassem, e o Chanceller disse aos Deputados, que El Rei lhe dava permissão de se assentarem. Então El Rei principiou a seguinte falla.

SENHORES.

« Chegado o fim de um Anno, assignalado no principio com os mais tristes acontecimentos, porém continuado com uma abundancia de consolação e de

(ad-...)

esperanças devemos antes de qualquer outra cousa dar graças á Providencia pelas Benções presentes.

Houve luto na minha Casa, e um Filho foi-lhe concedido pelas minhas fervorosas supplicas. A França, depois de ter misturado as suas lagrimas com as minhas, participou tambem da minha alegria, e da minha gratidão com excessos, dos quaes terei sempre uma saudosa lembrança.

O Omnipotente não tem em isto limitado a sua Protecção; devemos-lhe a continuação da Paz, o principio de toda a prosperidade; o tempo tem consolidado a união, a qual ao mesmo passo que afasta a causa da Guerra, não deixa de segurar-nos contra o perigo, ao qual a ordem social, e o equilibrio politico podia ainda ficar exposto.

Os perigos se apartão todos os dias mais de nós; assim mesmo nesta solemne communicação com o meu Povo não posso passar em silencio os factos serios, que no decurso do anno tem affligido o meu Coração. Não obstante isto, eu sou feliz podendo dizer, que se tanto a minha Familia, como o Estado, tem sido ameaçados por uma Conspiração assaz ligada com as desordens antigas, se tem constantemente conhecido, que a Nação Franceza fiel ao seu Rei se horrorisa do pensamento de ver-se privada do sceptro paternal, e reduzida a ser outra vez o alvo dos Espiritos perturbadores, os quaes são por ella summamente detestados.

Por esta razão este espirito não tem impedido os progressos, que a França vai fazendo na sua prosperidade. No interior uma Fortuna constantemente melhorada tem coroado os esforços da actividade, dirigida tanto á Agricultura, como tambem ás Artes, e á Industria.

O melhoramento da entrada publicá, que eu tenho prescripto, e a confirmação do credito publi-

co dá-me lugar de propor-vos ainda mesmo nesta Sessão uma nova deminuição dos Impostos directos. Isto será tanto mais efficaç, pois que vai produzir uma distribuição mais igual dos deveres publicos. Estas felicidades me tornão mais aprasiveis os deveres, que me impõe a Soberania.

Para aperfeiçoar os movimentos dos grandes Corpos politicos, que formão a Carta, para pôr as differentes partes da administração em harmonia com as Leis fundamentais, para inspirar uma confiança geral na firmeza do Throno, assim como na inflexibilidade das Leis, que protegem os interesses de todos, são dirigidos os meus esforços. Para obter isto, são necessarias duas cousas, tempo e socego. Não deveremos requerer de Instituições novas o que só se pôde esperar do seu pleno desenvolvimêto, e da moral, que ella deve formar; tenhamos pelo menos a certeza, que nos Negocios Publicos, a paciencia, e a moderação por si mesmas são poderes, e taes que entre todos serão os menos falliveis.

Tudo indica, que as modificações dadas ao nosso systema eleitoral produzirão as vantagens, que eu me tenho promettido. Tudo o que augmenta a força e a independencia das Camaras, augmenta a auctoridade, assim como a dignidade da minha Corôa. Esta Sessão completará (eu o espero) o feliz trabalho, que foi principiado na antecedente. Pela confirmação das Relações entre o Monarcha e as Camaras obteremos o fundar aquelle systema de Governo, que uma vasta Monarquia tanto precisa, e o qual o estado actual da França e da Europa ainda mais imperiosamente require.

He só para cumprir estes fins que eu desejo a prolongação dos dias, que me possão ser reservados. Para obtêl-os he que devemos confiar, vós, Senhores, na minha firmeza, e inviolavel disposição, e eu no vosso constante e leal apoio. »

O Chanceller informou então os Deputados ; novamente eleitos , que podião tomar o Juramento em presença d'El Rei ; o que elles fizerão.

A Sessão foi declarada ter tomado o seu principio.

Reiteradas aclamações de *Viva El Rei* acompanháráo El Rei na sua sahida , a qual foi annunciada , como dantes , por uma descarga de Artilheria.

Londres 10 de Janeiro de 1821.

Corre aqui um boato , e com bastante fundamento , de que o Marquez de Wellesley partira para o Congresso de Laybach , para haver de substituir Lord Stewart.

Sabbado passado celebrou-se nesta Capital de Londres a Festa da Epiphania , ou a Manifestação de Christo aos Gentios , com as mesmas ceremonias do costume , na Real Capella do Paço de S. Jaime ; os Cavalheiros , que tomáráo assento na tribuna Real , antes de se acabar o Serviço Divino de manhã , leváráo ao altar as offertas de Ouro , Incenso e Mirra , uma das ceremonias , que fôra escrupulosamente observada em semelhantes dias pela piedosa devoção do nosso passado Monarcha.

Na Gazeta de *Capetown* , no Cabo de Boa Esperança , vem uma Proclamação do Major General Donkin , Commandante em Chefe das Forças d'aquella Guarnição , pela qual vemos com satisfação os Regulamentos , que se fizerão á cerca do novo estabelecimento da Bahía de Algoa , assim como a nomeação de Magistrados competentes , e uma Lei sobre o valor da moeda , fazendo-se por este effeito destruir uma grande porção de falsa , que gyrava com prejuizo publico . Estas sabias medidas hão de facilitar muito os progressos da Agricultura e do Commercio , em be-

neficio dos novos Colonos, que ultimamente foram deste Reino com o fim de melhorar a sua sorte.

M. Canning tendo-se retirado do ministerio, fez apparecer alguma differença de opinião entre o Conde de Liverpool, e Lord Castlereagh, sobre a escolha do seu successor: o primeiro dezejava que se nomeasse o Senhor Peel; e o segundo o Senhor Robinson, para a presidencia da Junta da Censura, que he uma Junta, que ha na Inglaterra, para se syndicar a Companhia da India; porém he de presumir, que esta differença já não exista, por isso que o Senhor Peel não quiz acceitar este lugar. Falla-se tãobem, que o Senhor Arbuthnot estava resolvido a pedir a sua dimissão, e que o Senhor Huskisson irá occupar o seu lugar na Secretaria do Thesouro; se estes boatos se confirmarem, os lugares que occupavão os Senhores Robinson e Huskisson na Thesouraria da Marinha, e na Inspecção geral das Florestas, ficarão á disposição dos Ministros.

O Imperador da Austria mandou a Sua Alteza Serenissima o Principe de Esterhazy um soberbo apparelho de Porcelana, manufacturado em Vienna, para fazer d'elle um presente ao Duque de Wellington. Este grande serviço consiste em doze duzias de pratos, quatro duzias de travessas, e cada uma destas sustentada por tres aguias, tendo pintadas todas as Batalhas de Sua Excellencia de uma maneira maravilhosa: e alem disto quatro grandes sorveteiras, e cinco vasos soberbos; e em cada um dos lados destes vasos se vem os retratos dos Soberanos alliados muito bem acabados; e nos outros dous lados estão os retratos de Lord Castlereagh, do Principe de Metternich, do Conde de Nesselrode, e do Barão de Hardenberg; e finalmente nota-se neste serviço o rico esmalte, e o ouro fino encastado com toda a perfeição.